



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

JOSIANE DOS SANTOS

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS E GESTORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO  
SEXUAL, EM UM CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU, SE**

São Cristóvão – SE  
2017

JOSIANE DOS SANTOS

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS E GESTORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO  
SEXUAL, EM UM CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU, SE**

**Versão Original**

Monografia apresentada à disciplina de Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia II, como requisito para a obtenção do grau de licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe.

Área de concentração: Educação e Saúde.

**ORIENTADORA:** Professora Dra. Sindiany Suelen Caduda dos Santos

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por toda a força que me deste durante essa longa caminhada. A minha mãe Virgem Maria por ter cuidado de mim em tantos momentos aos quais caí. Sou grata também à minha mãe Valdenora por todo apoio e dedicação, à minha irmã Leticia também pelo apoio, meu pai Erasmo por ajudar na minha criação e a meu namorado Michel por toda a paciência e apoio.

Sou grata também a minha orientadora, Sindiany, pela enorme contribuição na minha formação docente e cidadã. Aos anjos em forma de amigos/as que Deus colocou na minha vida para ajudar-me a caminhar. A começar por minha nova/velha família F23, obrigada meninas por terem feito parte de tantos momentos na minha vida. Agradeço aos amigos/as também da UFS, aqueles/as que eu só conheci graças à universidade, que fizeram a minha caminhada ser mais fácil e aqueles/as amigos(as)/irmãos(as) que me fizeram aproximar-me mais de Deus quando as minhas “obrigações” acadêmicas me distanciavam Dele.

A todos/as os/as meus/minhas professores/as que me deram suporte para chegar até aqui, desde antes do fundamental quando eu ainda não sabia pegar um lápis até os dias de hoje.

A escola (professores/as e gestores/as) a qual a pesquisa foi realizada, sem vocês essa pesquisa não teria sido realizada. Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho e para a concretização desse sonho.

A todos/as vocês meu **MUITO OBRIGADA**, vocês fazem parte da minha história.

## RESUMO

Os trabalhos ligados à educação sexual permitem aos sujeitos o desenvolvimento de valores, comportamentos, construção de conhecimentos, reflexões e discussões críticas. Isso é essencial para o fortalecimento de educadores e educadoras dotados/as de criticidade e para garantir a discussão articulada que envolve escola, sociedade, cultura, política, respeito e cidadania. Esse pressuposto levou à problemática delineada neste trabalho: quais as concepções dos professores/as e gestores/as para abordar educação sexual. Para tanto, a pesquisa objetivou investigar as concepções de educação sexual dos/as professores/as e gestores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE e a necessidade da produção de uma cartilha conceitual sobre a temática. A pesquisa de abordagem quali-quantitativa foi realizada por meio de questionários semiabertos. Para análise das concepções dos/as professores/as e gestores/as, as respostas foram divididas nas seguintes categorias: concepções dos/as professores/as e gestores/as sobre termos específicos relacionados à educação sexual; atividades pedagógicas sobre educação sexual no centro de excelência; educação sexual interdisciplinar ou disciplinar?; e dificuldades enfrentadas. Os resultados indicaram a necessidade de construção de uma cartilha conceitual que esclarecesse dúvidas visualizadas durante a análise dos resultados sobre educação sexual. A produção e entrega do recurso aos/as professores/as e gestores/as do colégio constitui uma forma de mostrar a importância da articulação entre a escola e a universidade na promoção de conhecimento. Os resultados permitiram considerar ao final do trabalho que: em parte, a educação sexual não é tratada de forma interdisciplinar pelos/as professores/as e gestores/as como preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e que há uma prevalência da abordagem biológica higienista nas concepções dos/as professores/as e gestores/as em relação à temática. Para que essa visão dos/as professores/as e gestores/as seja transformada, faz-se necessário o desenvolvimento de ações voltadas para a formação de professores/as sobre a temática; maior articulação entre a universidade e a escola mediante rodas de conversa, palestras e oficinas direcionadas aos/as professores/as e gestores/as sobre educação sexual; reconhecimento da importância da interdisciplinaridade do tema e relevância da integração de educadores/as.

**Palavras chaves:** Sexualidade, Cartilha conceitual, Ensino Médio.

## **ABSTRACT**

The work related to sex education allows subjects to develop values, behaviors, knowledge construction, reflections and critical discussions. This is essential for the strengthening of educators equipped with criticality and to ensure an articulated discussion involving school, society, culture, politics, respect and citizenship. This presupposition led to the problem outlined in this study: what are the conceptions of teachers and managers to approach sex education. To do so, the research aimed to investigate the conceptions of sexual education of the teachers and managers of a center of excellence of Aracaju, SE and the need to produce a conceptual primer on the subject. Qualitative-quantitative research was performed using semi-open questionnaires. In order to analyze the conceptions of the teachers and managers, the answers were divided into the following categories: conceptions of the teachers and managers on specific terms related to sex education; pedagogical activities on sex education in the center of excellence; interdisciplinary or disciplinary sex education ?; and difficulties faced. The results indicated the need to construct a conceptual primer to clarify the doubts seen during the analysis of the results on sex education. The production and delivery of the resource to the teachers and managers of the college is a way of showing the importance of the articulation between the school and the university in the promotion of knowledge. The results allowed us to consider at the end of the study that: in part, sex education is not treated in an interdisciplinary way by the teachers and managers as recommended by the National Curricular Parameters (NCPs) and that there is a prevalence of the biological hygienist approach in the conceptions of teachers and managers in relation to the theme. In order for this vision of teachers and managers to be transformed, it is necessary to develop actions aimed at teacher training on the subject; greater articulation between the university and the school through talk wheels, lectures and workshops aimed at teachers and managers on sex education; recognition of the importance of the subject's interdisciplinarity and relevance of the integration of educators.

Key words: Sexuality, Conceptual Primer, High School.

## **LISTA DE FIGURAS E QUADROS**

Figura 1 - Cartilha conceitual sobre Educação Sexual.....	21
Figura 2 - Entrega da cartilha conceitual aos/as professores/as e gestores/ras .....	37
Quadro 1 - Perfil dos/as professores/as do ensino médio de um centro de excelência de Aracaju,SE.....	22
Quadro 2 - Perfil dos/as gestores/as do Ensino Médio de um centro de excelência de Aracaju, SE .....	22

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto à concepção do que é sexualidade.....	24
Gráfico 2: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto à concepção do que é educação sexual.....	28
Gráfico 3: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto aos assuntos a serem trabalhados em educação sexual.....	31
Gráfico 4: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto às temáticas abordadas sobre educação sexual.....	32
Gráfico 5: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto as práticas de educação sexual na escola.....	34

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Ofício para o diretor da escola.....	46
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os/as gestores/as.....	48
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os/as professores/as.....	49
APÊNDICE D Pré – Questionário utilizado para investigar as concepções dos/as gestores/as acerca da educação sexual, existência de práticas de educação sexual na escola e interdisciplinaridade da temática.....	50
APÊNDICE - E Pré - Questionário utilizado para investigar as concepções dos/as professores/as acerca da educação sexual, práticas de educação sexual e interdisciplinaridade da temática.....	53
APÊNDICE - F Questionário (pós-validação) utilizado para investigar as concepções dos/as professores/as acerca da educação sexual, a existência de práticas de educação sexual na escola e interdisciplinaridade.....	55
APÊNDICE G - Questionário (pós-validação) utilizado para investigar as concepções dos/as gestores/as acerca da educação sexual, a existência de práticas de educação sexual na escola e interdisciplinaridade.....	58
APÊNDICE - H Cartilha conceitual sobre Educação Sexual para os/as professores/as e gestores/as.....	61
APÊNDICE I- Termo de avaliação da cartilha conceitual sobre Educação Sexual.....	64
APÊNDICE J- Distribuição da Cartilha Conceitual sobre Educação Sexual para os professores.....	65
APÊNDICE K – Termo de autorização de uso de imagem.....	66
APÊNDICE L– Declaração de recebimento da cartilha.....	67



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	11
1.1 Histórico da Educação Sexual no Brasil	11
1.2 Educação Sexual <i>versus</i> Orientação Sexual na escola: que dizem os PCNs?	12
1.3 O papel dos/as professores/as e gestores/as da educação básica na educação sexual	15
1.4 Educação Sexual e metodologias participativas na escola	17
<b>2. OBJETIVO</b>	18
2.1 Geral	18
2.2 Específicos	18
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	19
3.1 Coleta e análise de dados	19
3.1.1 Questionários aplicados com os/as professores/as e gestores/as da escola	20
3.1.2 Cartilha conceitual para os/as professores/as	20
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	21
4.1 Concepções dos/as professores/as e gestores/as sobre termos específicos relacionados à educação sexual	23
4.2 Formação de professores/as	27
4.3 Atividades pedagógicas sobre educação sexual no centro de excelência	30
4.3.1 Atividades na sala de aula	30
4.3.2 Projetos desenvolvidos na escola	32
4.4 Educação sexual interdisciplinar ou disciplinar?	34
4.5 Dificuldades enfrentadas	36
4.5.1 Cartilha conceitual sobre Educação Sexual	37
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	40
<b>REFERENCIAS</b>	42
<b>APÊNDICES</b>	46

## INTRODUÇÃO

Educação sexual na escola corresponde a todos os processos que buscam esclarecer dúvidas dos/as discentes, a respeito da sexualidade, sexo, gênero, relacionamentos, dentre outros temas. Ela começou a tomar forças no Brasil a partir do final da década de 1970 através dos movimentos sociais, como por exemplo, o movimento feminista, grupos organizados de gays e lésbicas e o movimento negro. (CESAR, 2009; LOURO, 2009).

Na maioria das vezes essa temática não é discutida em casa, seja por vergonha, receio ou até mesmo falta de conhecimento dos pais e mães para tratarem do assunto (WEREBE, 1998). Muitos/as acreditam ainda na crença errônea de que conversar com seus/as filhos/as sobre sexo irá induzi-los/as de alguma maneira a iniciarem sua atividade sexual mais cedo que o esperado. Por esse motivo preferem manter silêncio e apenas conversar a respeito se sentir que há necessidade (SOUZA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Diante disso é visível a necessidade que os/as estudantes têm de discutir a temática em sala de aula e também é perceptível o receio por grande parte dos/as professores/as em abordá-la, seja por medo de serem mal compreendidos/as pelos pais e mães dos/as alunos/as, por timidez, ou até questões religiosas, culturais, políticas etc. O fato é que essa temática ainda sofre resistências ao ser trabalhada tanto no ambiente escolar quanto no familiar (SILVA; PEREIRA; SANTIN FILHO, 2008).

Na contemporaneidade, muitos/as professores/as ainda utilizam apenas a abordagem biológica higienista na sala de aula para tratar a educação sexual, como aborda Furlani (2005) e Jardim e Brêtas (2006). Porém é nítida a necessidade de não apenas trabalhar esse tipo de abordagem, na qual o biológico e o preventivo são priorizados, como também trazer à tona as diversas instâncias ligadas à sexualidade, seja social, política, histórica, cultural, que são necessárias para a formação humana (MATTOS; FERREIRA; JABUR, 2008).

É necessário que a escola os pais, mães e os/as professores/as andem juntos/as nesse processo de construção de conhecimentos sobre educação sexual, com os/as jovens e adolescentes, para desmistificar tabus e preconceitos. Dessa maneira, será possível contribuir para a formação dos sujeitos para além do que eles/as já têm conhecimento e vivenciam no seu cotidiano (XAVIER; LINHARES; ALMEIDA, 2012).

Nesse contexto, o presente trabalho fundamentou-se na seguinte indagação: quais são as concepções de educação sexual aplicadas pelos/as professores/as e gestores/as do Ensino Médio de um centro de excelência de Aracaju, SE?

De antemão, levanta-se a hipótese de que, pelo fato da escola ser um centro de excelência, acredita-se que a educação sexual seja trabalhada não apenas com um enfoque biológico, mas sim com enfoque no indivíduo como um todo, o que inclui as instâncias social, cultural, religiosa, psicológica, dentre outras. Pressupõe-se ainda que a educação sexual seja trabalhada de forma transversal, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Com isso, buscou-se identificar quais tipos de abordagens o colégio utiliza para tratar a educação sexual, pois essa investigação torna-se necessária para uma reconstrução do saber social da escola. Optou-se também por trabalhar nesse colégio pelo fato deste ser tradicionalmente conhecido por formar alunos/as não apenas do Estado de Sergipe como também de estados vizinhos (VIEIRA, 2003).

Para tanto, o objetivo geral deste estudo foi investigar as concepções de educação sexual dos/as professores/as e gestores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE e a necessidade de produção de uma cartilha conceitual sobre a temática para socialização.

No que se refere à estruturação da pesquisa, o referencial teórico tratará do histórico da educação sexual no Brasil; retratará a contradição entre os termos orientação e educação sexual, segundo os PCNs; apresentará os oito tipos de abordagem para a educação sexual apresentadas por Jimena Furlani (2005), mediante o olhar pós-estruturalista direcionado à educação sexual; e destacará o papel dos/as professores/as e gestores/as da educação básica na educação sexual, bem como o uso de metodologias participativas para abordagem do tema na escola.

Quanto à metodologia, a pesquisa, de natureza quali-quantitativa, foi realizada com professores/as e gestores/as do Ensino Médio de um centro de excelência de Aracaju, SE, por meio da aplicação de questionário semiaberto com perguntas que tratam das concepções dos/as professores/as e gestores/as da instituição investigada, o que contribui para a compreensão de como práticas de educação sexual têm sido abordadas e observa como a temática da educação sexual é importante na carreira docente. A partir daí é possível verificar pontos positivos e negativos nas realizações dessas atividades.

Ao final, serão apresentadas as considerações com as principais concepções identificadas e estratégias para estimular o rompimento das barreiras de reflexões acerca da temática.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

A educação sexual é um processo de ensino e aprendizagem a respeito da sexualidade humana que tem por objetivo trazer discussões democráticas sobre a sexualidade, gênero, sexo, corpo, relações, relacionamentos, violência, poder, resistências, normas e atitudes ligadas à vida sexual (FIGUEIRÓ, 2006). Segundo Frade et al. (1999) ao falarmos de educação sexual, estamos nos referindo à sexualidade, ao corpo, afeto, identidade sexual, reprodução e relações.

Porém não foi sempre assim, durante o século XX, a educação sexual era resumida a traços higienista, eugenistas, moralista e biológico<sup>1</sup>. Com a finalidade de combater Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e preparar o indivíduo para um futuro mais saudável e responsável (AQUINO; MARTELLI, 2012). Por essa razão, o entendimento do histórico da educação sexual, especialmente nos espaços da escola é fundamental.

### 1.1 Histórico da educação sexual no Brasil

Nos anos antecedentes à década de 1960, a igreja católica tinha sob o seu poder o sistema educacional. Na época, havia uma rigorosa repressão à educação sexual. Com o golpe militar de 1964 ocorreram diversas mudanças políticas no Brasil. Com um sistema opressor de ideologia moralista imposto pelo golpe, todas as iniciativas de renovações pedagógicas voltadas à prática de educação sexual que estavam em andamento através da articulação de movimentos feministas foram interrompidas (GUIMARÃES, 1995; CÉSAR, 2009).

No final da década de 1970 e início dos anos 1980 ocorreram diversas mudanças políticas no país, o que levou a uma série de reivindicações tanto sociais quanto políticas. Com isso, as discussões a respeito da educação sexual tomaram forças. Os movimentos sociais tiveram grande importância nesse processo, pois pelo final dos anos de 1980, o movimento feminista estava com uma visibilidade nunca alcançada antes. Os grupos organizados de gays e lésbicas clamavam respeito e visibilidade, juntamente com o movimento negro (CESAR, 2009; LOURO, 2009). A partir de então, no campo das sexualidades já se ouviam mulheres, gays, lésbicas, falarem das suas experiências e práticas de trabalho e também das suas ambições e práticas sexuais. Dessa forma, as vozes da ciência e da religião não ditavam as regras sozinhas. Tudo isso fez com que os conceitos sobre sexualidade e gênero se proliferassem e se diversificassem (LOURO, 2009).

---

<sup>1</sup> Educação sexual voltada a prevenir doenças, além de que “o eugenismo preocupava-se com as questões relativas à descendência, à “raça” e à transmissão de características indesejáveis, que por sua vez produziria indivíduos “inferiores”, enfraquecendo toda uma população” (CÉSAR, 2009, p.50).

Segundo Sayão<sup>2</sup> (1997) apud Spitzner (2005) não se tem conhecimento de exatamente quando a educação sexual chegou à escola, pesquisadores/as estipulam que foi na França por volta do século XIII, quando os/as professores/as começaram a sentir dificuldades com as questões disciplinares dos/as adolescentes, como, por exemplo, a exposição exagerada de certas partes do corpo e a masturbação, esses comportamentos iam contra a moral e os bons costumes.

Mais recentemente, em meados de 1980 o número de gravidez indesejada aumentou bruscamente, assim como o risco de contaminação pelo vírus da AIDS. Isso reforçou também a necessidade de trabalhar na escola questões voltadas a sexualidade (BRASIL, 2000).

### **1.2 Educação Sexual *versus* Orientação Sexual na escola: o que dizem os PCNs?**

No intuito de oficializar essa temática nas escolas, em 1997 o Ministério da Educação (MEC) lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são referências tanto para o Ensino Fundamental, quanto para o Ensino Médio no Brasil (BRASIL, 2000).

Dentre as temáticas abordadas nos PCNs, os temas transversais, são aqueles que perpassam por todas as áreas do currículo escolar. São eles: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual. Por tratarem de questões sociais, estas temáticas não devem ser trabalhadas isoladamente, e sim dentro das disciplinas já existentes (Ibid).

Sobre o termo orientação sexual, os PCNs definem como sendo o trabalho pedagógico escolar de discussão da sexualidade. Vale lembrar que o Brasil é o único país que usa essa definição, visto que o termo orientação sexual é usado no meio médico, jurídico e da sexologia para designar o gênero pelo qual a pessoa se sente atraída, seja física, psíquica ou emocionalmente (GTPOS, 1994).

Em qualquer outro país, ao ler-se que os PCNs trazem como um dos temas transversais orientação sexual, esse/a interlocutor/a provavelmente chegaria à conclusão que esse documento se refere ao direcionamento erótico-afetivo-sexual da sexualidade humana. Mas a intenção aqui não é diminuir a importância desse documento que é bastante discutido e utilizado na educação (FURLANI, 2009).

Segundo Furlani (2009), é provável que dois aspectos tenham favorecido esse quadro de aceitação do termo orientação sexual pelo Ministério da Educação (MEC). O primeiro, diz que houve uma aceitação muito rápida do termo, pois estava havendo um desgaste pedagógico da educação sexual até então existente, voltada apenas para o viés biológico,

---

<sup>2</sup> SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1997. [Cap.8, p.107-117].

médico, higienista e moralista, principalmente ao que se refere à educação. O segundo foi a influência política do grupo GTPOS<sup>3</sup>, que estava incluso na política federal de educação (PCNs).

O GTPOS traz que orientação sexual é “o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas” (GTPOS, 1994, p. 08). E educação sexual, o processo informal pelo qual se aprende sobre sexualidade, seja através da família, livros, internet (GTPOS, 1994). Nessa lógica o GTPOS atribui o status de educadores/as sexuais os meios de comunicação, religião, as ruas etc. e não apenas os/as pedagogos/as, professores/as, licenciados/as (FURLANI, 2009).

Ora o GTPOS fala em orientação sexual, para caracterizar o processo de discutir sexualidade na escola, ora se utiliza dos/as educadores/as para caracterizar os/as agentes pedagógicos/as desse processo, o que revela contradição (Ibid).

Porém o mais importante não é a nomenclatura e sim a reflexão que a sexualidade assume no trabalho escolar. Se a educação sexual tem passado por críticas, o necessário a se fazer é recriar as formas de trabalhá-la na escola e não apenas substituir nomes (Ibid).

Para tanto, é preciso compreender as abordagens no âmbito da educação sexual. Furlani (2005) trouxe em sua tese de doutorado, intitulada “O Bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis”, oito tipos de abordagens para a educação sexual ocidental. São elas: biológica-higienista, moral tradicionalista, terapêutica, religiosa radical, dos direitos humanos, dos direitos sexuais, emancipatória e *queer*.

A **abordagem biológica e higienista** foi considerada por muito tempo a prevalente entre as práticas educacionais voltadas para discutir o desenvolvimento sexual humano na escolarização formal. Na formação de professores/as, a biologia voltada para os pressupostos essencialistas comandava os currículos e cursos dos/as professores/as. O biológico é priorizado e o enfoque são as discussões a respeito da reprodução humana, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez indesejada e puberdade. Para Furlani (2005), a crítica não é para abolir esse tipo de abordagem (que é necessária) e sim, não torná-la a única trabalhada, pois isso implica em um currículo reducionista.

Já a **abordagem moral tradicionalista** está diretamente ligada a princípios morais e religiosos, que defende a abstinência sexual como sendo o melhor método para prevenir a gravidez indesejada e as DSTs. Além disso, defendem também o não uso de qualquer método

---

<sup>3</sup>GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual), surgido em 1986, no Estado de São Paulo.

anticoncepcional, pois estes são contra a vida. Uma educação sexual que defende esses princípios leva a impossibilidade de acesso a informações, especialmente, àquelas consideradas essenciais à sexualidade humana e a anticoncepção (FURLANI, 2005).

Na **abordagem terapêutica** buscam-se “causas” que expliquem as vivências sexuais, julgadas como “anormais” e que precisam de “cura”. É mais voltada ao caráter psicológico, podendo está ou não ligada a instituições religiosas. Algumas igrejas cristãs evangélicas procuram oferecer uma “cura” através de uma reeducação sexual, em que a pessoa arrepende-se, coloca sua fé em Jesus Cristo, e, de uma forma gradual, essa pessoa vai adquirindo maturidade por meio de sua frequente submissão ao Senhor Jesus e Sua Igreja (Ibid).

A **abordagem religiosa radical** afirma que as interpretações literais da Bíblia não são apenas defendidas, mas são também usadas como verdades absolutas para determinar o que é normal e permitido na sexualidade. Essa educação da vida sexual e afetiva tanto dos homens como das mulheres costuma acontecer de forma individual e/ou em grupos na forma de pregações (Ibid).

No Brasil, além do aumento das igrejas evangélicas, têm crescido o número de comunidades que pregam o fundamentalismo católico, isto é, comunidades que seguem a interpretação literal da Bíblia. Um exemplo é a comunidade Canção Nova, que tem como objetivo evangelizar a comunidade através dos meios de comunicação e dar orientações a seus fiéis de como viver em sociedade. Além disso, aborda também questões da sexualidade que está diretamente ligada à castidade (LÍRIO, 2004).

Na **abordagem dos direitos humanos** a exclusão social é o foco. Teoricamente para ter acesso aos direitos humanos o único pré-requisito é pertencer à espécie humana independente de cor, gênero, etnia, classe social ou religião. Porém, na prática pode-se perceber que a exclusão social ainda é bastante persistente. Uma educação sexual que traz esse tipo de abordagem é aquela que debate, é clara, problematiza e desconstrói as ideias negativas impostas nos sujeitos que a compõe e as suas identidades excluídas (FURLANI, 2005).

Já a abordagem que trata dos **direitos sexuais** defende que estes são direitos que todos os seres humanos devem ter, eles são baseados na igualdade e liberdade. A Declaração dos Direitos Sexuais defende que para garantir que todo ser humano desenvolva uma sexualidade saudável, os seguintes direitos devem ser preservados: direito à liberdade sexual, autonomia sexual, à integridade sexual e à segurança do corpo, direito à privacidade sexual, justiça (equidade) sexual, prazer sexual, expressão sexual emocional, direito à livre parceria sexual, a fazer escolhas reprodutivas livres e responsáveis, direito a informações baseadas em

investigação científica, à educação sexual integral e direito à atenção e à saúde sexual (FURLANI, 2005).

Outro tipo de **abordagem é a emancipatória** que defende as ideias de Paulo Freire de uma “educação libertadora”, na qual tanto os/as professores/as quanto os/as estudantes buscam juntos o conhecimento. Uma boa comunicação, estabelecida através do diálogo proporciona que a pessoa seja ao mesmo tempo criadora e sujeita de sua própria história. Nesse tipo de abordagem, a educação é trabalhada de forma crítica, flexível, participativa e que promova o diálogo. A consciência é trazida como forma de liberdade e transformação social (Ibid).

Por fim, temos a **abordagem queer**, que irá questionar o caráter fixo da identidade sexual, assim como seus limites e fronteiras. Ela alude que as identidades sexuais e de gênero não são fixas, pelo contrário, são fluidas e indefinidas, além de apontar para o rompimento do modelo normal heterossexual de análises. O foco dessa teoria na educação é justamente trazer críticas e questionamentos às ideias normativas que permeiam os currículos escolares, principalmente em relação às representações da sexualidade e do gênero (Ibid).

Tais abordagens reforçam a necessidade de discussão da temática no ambiente escolar. A escola não pode mais ignorar seu papel de educadora diante dessa temática. Não dar mais para abster-se das questões sexuais emergentes dos sujeitos nesse espaço, afinal não são apenas nas paredes das escolas, nas portas dos banheiros e nas carteiras das salas de aula que as manifestações sobre sexualidade afloram (BRITTOS; SANTOS; GAGLIOTTO, 2013). Consequentemente, os/as professores/as e gestores/as têm papéis decisórios no trabalho de educação sexual na escola.

### **1.3 O papel dos/as professores/as e gestores/as da educação básica sobre educação sexual**

O papel do/a gestor/a vai além de tomar decisões administrativas e financeiras na escola, ele compreende também o processo político de administração, tomar atitudes sobre os mais variados temas na escola e incentivar os/as educadores/as, estimulando-os/as na execução de ações que envolvam todo o corpo docente em atitudes participativas e coletivas. Já as atribuições dos/as educadores/as estão em promover discussões democráticas em sala de aula, refletir a respeito da temática com os/as estudantes, construir conhecimentos, rever preconceitos e tabus, dentre outras (ZOCCA, 2015).

É importante ressaltar que essa temática deve ser trabalhada de forma transversal, como preconiza os PCNs, pois trata de processos que estão a todo tempo sendo vividos pela sociedade em seu cotidiano (BRASIL, 2000). Caso a educação sexual fosse tratada como



novo conteúdo a ser trabalhado nas escolas, iria apenas sobrecarregar tanto o currículo escolar quanto os/as professores/as, sem benefício nenhum para os/as estudantes (BUSQUETS; CAINZOS; FERNÁNDEZ, 1993). Além de que o tempo dedicado ao ensino continuaria sendo o mesmo, ou seja, os/as professores/as teriam mais assuntos a serem trabalhados na mesma quantidade de tempo, isso seria inviável (Ibid). Também não se deve trabalhá-la na forma de ações pontuais feitas uma vez ao ano, no “dia disso ou daquilo”, pois a temática acaba sendo restringida apenas ao viés biológico. Ao tomar essa posição, a escola apenas reforça o tabu de que não se pode falar sobre sexualidade (BRITTOS; SANTOS; GAGLIOTTO, 2013).

Para trabalhar a educação sexual de forma completa, com suas diversas estâncias, seja ela social, cultural, biológica ou psicológica, o/a professor/a precisa estar qualificado/a e não pode permitir que suas concepções, valores e crenças interfiram na sua atuação. Pelo contrário, deve mostrar-se aberto/a para esclarecer dúvidas de maneira clara, objetiva e sem julgamento de valores (MATTOS; FERREIRA; JABUR, 2008).

São necessárias algumas habilidades dos/as docentes para trabalhar essa temática em sala de aula, como por exemplo: bom senso, ter mente aberta, ser confiável (saber ouvir sem criticar), ter jogo de cintura, se esforçar para não impor seus valores pessoais, além de ter muito cuidado com os assuntos ligados aos diferentes pontos de vista das religiões. Ao exercitar essas habilidades, o/a educador/a conquistará a confiança dos/as alunos/as e terá um diálogo mais rico, o que será proveitoso para ambas as partes (SOUZA, 2002).

Todavia, muitas vezes ocorre do/a docente/a perceber a necessidade de se abordar mais profundamente a temática, porém não ter a qualificação necessária para abordá-la na sala de aula, esquivando-se de aprofundar a questão. A saída geralmente é dar um enfoque totalmente biológico à aula, o que acaba privando os/as discentes dos fatores psicológicos, sociais, históricos e culturais que apresentam forte influência sobre a sexualidade e as formas como os sujeitos dela se apropriam (TONATTO; SAPIRO, 2002).

Na maioria das vezes isso ocorre devido à formação teórico-metodológica do/a professor/a não ser suficiente para que esses/as construam concepções mais críticas a respeito da sexualidade. Entretanto, como educadores/as é necessário estar sempre em busca de aprofundamento teórico independente da temática (SANTOS; ARAUJO, 2009). Uma das possíveis soluções para esse problema seria a formação continuada, por meio de ações como cursos, estudos e reflexões direcionadas, num primeiro momento para aperfeiçoar a prática profissional do/a professor/a (FIGUEIRÓ, 2004). Entretanto, para essa formação continuada dar certo, ela necessita estar vinculada a realidade e aos problemas que o/a professor/a passa

na sala de aula e na sua própria comunidade (BRITOS; SANTOS; GAGLIOTTO, 2013). Afinal, não é fácil trabalhar esse tema no ambiente escolar.

Ainda sobre a formação de professores/as pode-se citar a Universidade Federal de Sergipe (UFS) cujo curso de licenciatura em Ciências Biológicas possui em sua grade curricular uma disciplina chamada corpo, gênero e sexualidade que possui carga horária de 60 horas e foi incluída na grade curricular em 2014, através da resolução nº 39/2014/CONEPE, em sua ementa são trabalhados alguns conceitos chaves como: heteronormatividade, masculinidades, e feminilidades, diversidade sexual, desenvolvimento psicosssexual, relações de poder e hierarquias de gênero, preconceito, discriminação e violências, e pluralidade cultural (BRASIL, 2014).

Algumas dificuldades são enfrentadas pelos/as docentes para trabalhar a temática, por exemplo, a pressão feita por parte de alguns pais e mães de alunos/as, que não aceitam que o tema seja trabalhado na escola. Além da falta de tempo para planejamento das atividades e a ausência de material didático relacionado ao tema (NOVAK, 2013). As metodologias participativas podem ajudar o/a professor/a a abordar a educação sexual em sala de aula.

#### **1.4 Educação Sexual e metodologias participativas na escola**

Tem-se por metodologias participativas aquelas cujo/a aluno/a é inserido/a no processo educativo, e não são apenas considerados/as meros/as receptores/as (GIRONDI; NOTHAFT; MALLMANN, 2006). Nesse tipo de metodologia o conhecimento prévio do/a aluno/a é valorizado. Um dos exemplos são as oficinas, que estimulam a reflexão do discente buscando incorporar valores para melhor compreender a realidade. Neste tipo de metodologia o/a discente participa da construção de conhecimento, elabora e discute conceitos através das dinâmicas que são propostas (MARQUINI, s/d).

Além das metodologias participativas existem também os materiais didáticos para abordagem da temática que são muito importantes, visto que aproximam o/a discente da realidade concreta, auxilia a pensar, instiga sua imaginação e sua capacidade de fazer analogias (SCHMITZ, 1993). Os materiais didáticos podem ser visuais, como cartazes e jogos, auditivos, como o rádio e o CD, ou audiovisuais, como a televisão, os vídeos e filmes (FERREIRA; SILVA, 1986).

Algumas sugestões de filmes para trabalhar a temática da educação sexual são: tomboy direção de Celine Sciammma; orações para Bobby direção de Russel Mulcahy; o segredo de Vera Drake direção de Mike Leigh; Billy Elliot direção de Stephen Daldry; a cura direção de Peter Horton; Jeffrey - De caso com a vida direção de Cristopher Ashley; garota, interrompida direção de James Mangold; o padre direção de Antonia Bird etc.

## **2. OBJETIVO**

### **2.1 Geral:**

Investigar as concepções de Educação Sexual dos/as professores/as e gestores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE e a necessidade de produção de uma cartilha conceitual sobre a temática para socialização.

### **2.2 Específicos:**

- Identificar as concepções de Educação Sexual dos/as professores/as e gestores/as da escola;
- Elucidar as práticas dos/as professores/as e gestores/as sobre Educação Sexual na escola;
- Elaborar uma cartilha conceitual a respeito de termos relacionados à temática, a partir das dificuldades dos/as professores/as e gestores/as observadas, para a socialização.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada em um centro de excelência de Aracaju, SE. A escola possui o ensino médio (1º a 3º ano) integral, com horário regular entre às 7hs e às 16:30hs. No que se refere à quantidade de professores/as, constam 46 atuantes. Quanto à gestão da escola, fazem parte 2 coordenadores/as gerais, 1 diretor/a e 3 coordenadores/as pedagógicos/as. Sobre os/as alunos/as, a escola possui 26 turmas sendo 12 correspondentes ao 1º ano, 6 relativas ao 2º ano e 8 turmas do 3º ano do Ensino Médio.

Além disso, a escola possui parceria com a Universidade Federal de Sergipe (UFS) através do Programa de Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), neste os/as alunos/as licenciando/a juntamente com seus/as professores/as coordenadores/as desenvolvem projetos de iniciação à docência em parceria com os/as professores/as supervisores/as do colégio com vista à melhoria da qualidade da formação docente e da educação básica.

A portaria nº 46, de 11 de abril de 2016 traz que o PIBID tem por finalidade estimular à iniciação a docência, cooperando para o aperfeiçoamento da formação de professores em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira. Dentre os seus objetivos temos:

incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2016, p.3).

A pesquisa tem uma abordagem quali-quantitativa. Para o desenvolvimento, foi utilizado o questionário semiaberto como técnica de pesquisa, visto que, trabalhar com questionários traz algumas vantagens como: atingir o maior número de pessoas simultaneamente, mais tempo para responder e em hora mais favorável e há menos risco de distorção pela não influência do pesquisador (MARCONI; LAKATOS, 2009).

#### 3.1 Coleta e análise de dados

Inicialmente foi feito contato com a direção da escola, no intuito de saber se haveria a possibilidade do desenvolvimento do projeto de monografia nessa instituição. Após a aceitação, foi entregue um ofício para que o/a diretor/a assinasse confirmando a realização da pesquisa (Apêndice A). Com a adesão da proposta, os/as gestores/as e professores/as foram consultados/as pela pesquisadora, no intuito de esclarecer os objetivos e a natureza do trabalho. Nessa fase foi entregue o Termo de Consentimento livre e Esclarecido – TCLE

(Apêndice B e C) para os/as que aceitaram participar da pesquisa. Na sequência foram iniciados os trabalhos de coleta de dados.

Com o objetivo de validar os questionários semiaberto, esses foram aplicados previamente com gestores/as e professores/as não participantes da pesquisa (Apêndice D e E). Em seguida, os arquivos pré-teste sofreram as modificações necessárias para utilização junto ao público-alvo.

### **3.1.1 Questionários aplicados com os/as professores/as e gestores/as da escola (Apêndice F e G)**

Dos 52 professores/as e gestores/as atuantes foram entregues 35 questionários, dos quais 25 foram respondidos e analisados, 23 pelos/as professores/as (Apêndice F) e 2 pelos/as gestores/as da instituição (Apêndice G).

Para investigar as concepções dos/as professores/as e gestores/as, foram feitas perguntas relacionadas às concepções a respeito de termos específicos relacionados à educação sexual, assim como sobre sua formação profissional, as atividades pedagógicas que eram realizadas na escola, interdisciplinaridade da temática e as dificuldades enfrentadas para trabalhá-la em sala de aula.

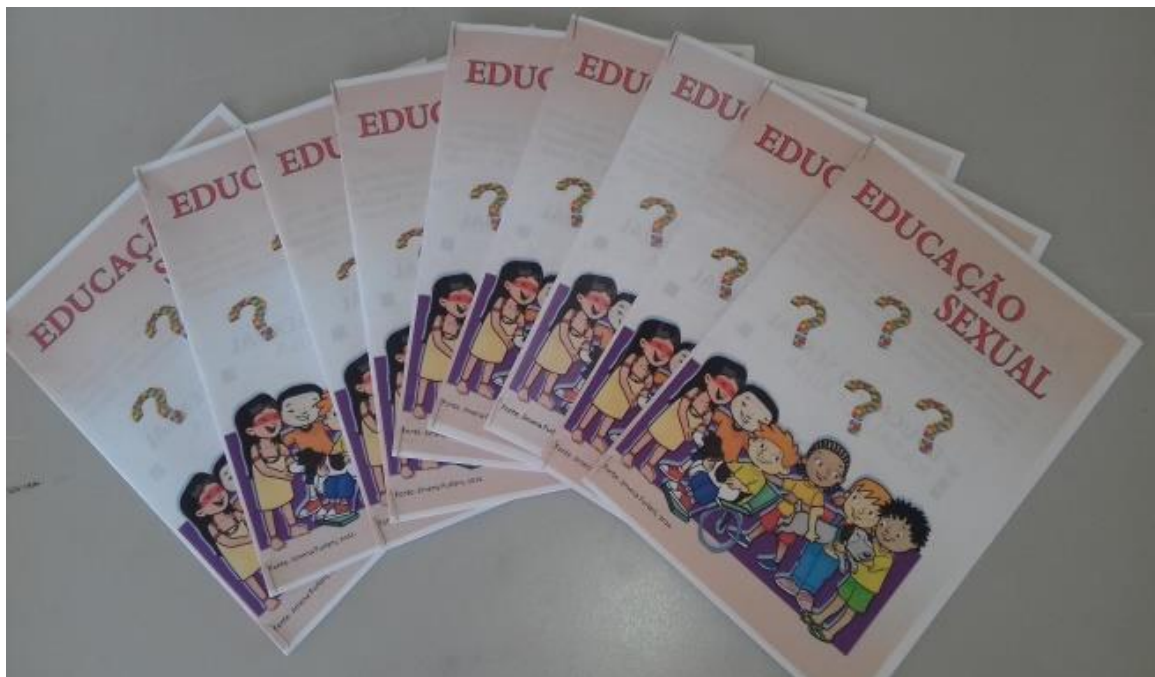
Para analisar os dados dos questionários as respostas foram categorizadas a partir das semelhanças existentes (BARDIN, 2006).

Os resultados foram apresentados de forma descritiva, bem como representados em forma de quadros e gráficos. Ao longo da análise, os/as professores/as e gestores/as são identificados/as por letras e números de modo a indicar a participação dos/as diversos/as professores/as na pesquisa (P1, professor/a 1; P2, professor/a 2, e assim sucessivamente). O mesmo vale para os/as gestores/as (G1, gestor/a 1; G 2, gestor/a 2).

### **3.1.2 Cartilha conceitual para os/as professores/as e gestores/as**

Ao fim da pesquisa, foi criada uma cartilha (Apêndice H) mediante a análise das respostas dos questionários dos/as professores/as e gestores/as, com o propósito de contribuir para a prática dos/as educadores/as. A cartilha foi avaliada por uma especialista (Apêndice I) da área e posteriormente distribuída aos participantes da pesquisa (Apêndice J). Neste momento os/as professores/as e gestores/as assinaram um termo de consentimento de imagem (Apêndice K) e um termo de recebimento da cartilha (Apêndice L). Ela traz conceitos a respeito de termos relacionados à temática, abordados nos questionários aplicados previamente, e algumas sugestões de filmes e livros que os/as professores/as e gestores/as podem utilizar para aprofundar seus conhecimentos. A cartilha foi produzida e editada no *software* Word Publisher, versão 2010 (Figura 1).

Figura 1: cartilha conceitual sobre Educação Sexual, produzida para entrega aos professores/as e gestores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE.



#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos/as 52 professores/as e gestores/as atuantes, 13 professores/as não aceitaram participar da pesquisa, justificaram-se dizendo que estavam em época de prova e escolha do livro didático e 10 professores/as receberam o questionário, mas não devolveram. Dos/as 6 gestores/as atuantes na escola, 4 não aceitaram participar do estudo, informaram estar muito ocupados/as, por este motivo recusaram a participação. Abaixo está o perfil dos/as professores/as e gestores/as participantes (Quadro 1).

**Quadro 1. Perfil dos/as professores/as do ensino médio de um centro de excelência de Aracaju, Se**

<b>Professores/as</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Graduação na matéria que leciona</b>	<b>Pós-graduação</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Tempo de magistério</b>
P-1	Heterossexual	Sim	Não	Física	11-15
P-2	Heterossexual	Sim	Sim	Geografia	28
P-3	Heterossexual	Sim	Sim	Português	22
P-4	Heterossexual	Sim	Sim	Biologia	11-15
P-5	Heterossexual	Sim	Sim	Biologia	29
P-6	Heterossexual	Sim	Sim	Educação física	11-15
P-7	-	-	-	Geografia	-
P-8	Heterossexual	Sim	Sim	Inglês	15-20
P-9	-	Sim	Não	Matemática	21 ou +
P-10	Heterossexual	Sim	Não	Matemática	1-5
P-11	Heterossexual	Sim	Sim	Matemática	29
P-12	Heterossexual	Sim	Sim	Física	21ou +
P-13	Heterossexual	Sim	Sim	Educação física	11-15
P-14	Heterossexual	Sim	Sim	Química	15-20
P-15	Heterossexual	Sim	Sim	Química	11-15
P-16	Heterossexual	Sim	Sim	História	21-+
P-17	Heterossexual	Sim	Sim	Educação física	6-10
P-18	Heterossexual	Sim	Sim	Biologia	21-+
P-19	Heterossexual	Sim	Sim	Matemática	6-10
P-20	Heterossexual	Sim	Sim	Português	21-+
P-21	Heterossexual	Sim	Sim	Filosofia	11-15
P-22	Heterossexual	Não	Não	Física	1-5
P-23	Heterossexual	Sim	Sim	Português	15-20

\*P: Professor/a

Elaborado pela autora (2017)

**QUADRO 2. Perfil dos/as gestores/as do Ensino Médio de um centro de excelência de Aracaju, SE**

<b>Gestores/as</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Graduação</b>	<b>Pós-graduação</b>	<b>Cargo</b>	<b>Tempo de cargo</b>
G-1	Heterossexual	Sim	Sim	Direção	1-5
G-2	Heterossexual	Sim	Sim	Pedagogo/a	6-10

\*G: Gestor(a)

Elaborado pela autora (2017)

Nos quadros 1 e 2 foram reunidos o perfil dos/as professores/as e gestores/as, observa-se que os/as professores/as têm um tempo médio de docência de 11 ou mais anos e os/as gestores/as um tempo mínimo de 1 ano. Percebe-se também que a maioria dos/as professores/as e ambos/as os/as gestores/as possuem pós-graduação. Essas informações são

importantes para a observação de como a educação sexual é trabalhada no centro de excelência.

#### **4.1 Concepções dos/as professores/as e gestores/as sobre termos específicos relacionados à educação sexual**

Sexo é o termo utilizado para nomear as características genéticas, anatômicas e fisiológicas que distingue o macho da fêmea (SILVA; GUILHONFILHO; TRABULSI, 2009; GOMES FILHO; SANTOS; SILVA, 2017). Porém, ao serem indagados a respeito, 61% dos/as professores/as responderam que sexo está relacionado à ação sexual e 39% à anatomia do corpo. Quanto aos/as gestores/as, um/a relacionou sexo à ação sexual e outro/a a anatomia do corpo. Segue algumas das respostas referentes ao que os/as educadores/as e gestores/as consideraram como conceito de sexo:

“Exercício sexual a partir de dois seres, em busca de prazer ou reprodução” (P12).

“Ato físico entre duas pessoas, que queiram ou não procriar” (G1).

“Características sexuais que nos caracterizam como macho ou fêmea” (P15).

“Característica corporal que diferencia dentro de uma espécie macho e fêmea” (G2).

O fato de 61% dos/as professores/as relacionarem sexo à ação sexual mostra uma visão equivocada a respeito do termo. Isso pode acabar refletindo na educação dos/as estudantes, seja durante a aula ou em quaisquer atividades realizadas pelos/as discentes e docentes que necessite do conhecimento a respeito do conceito do termo.

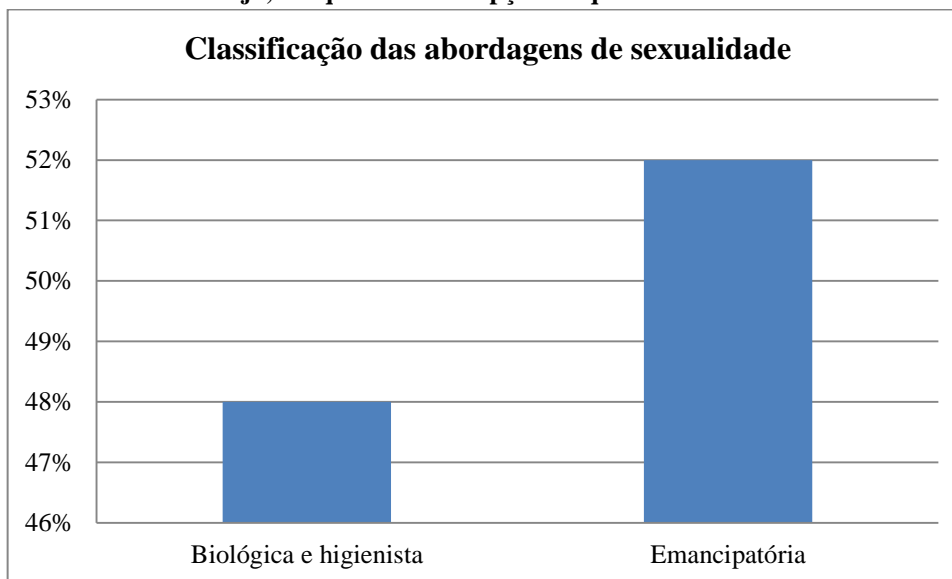
A segunda pergunta desta categoria relacionada à concepção foi sobre o que significava sexualidade.

Segundo Silva, Guilhon Filho e Trabulsi (2009) não existe um conceito pronto e acabado do que seja sexualidade. Esse termo remete a um universo pessoal de cada sujeito no qual tudo é relativo, e manifesta-se de forma diferente em cada um deles, de acordo com sua realidade e experiência vividas. Vale lembrar que sexualidade não é ação sexual, o sexo propriamente dito faz parte da sexualidade, mas é apenas uma das formas de manifestação desta (Ibid). Maia (s/d) traz que a sexualidade está ligada a diversos componentes são eles: reprodução, amizade, amor, afeto, orientação sexual, práticas sexuais, gênero e prazer. Então por mais que uma pessoa não tenha relações sexuais ela é dotada de sexualidade. Vale lembrar que no campo da sexualidade não existe nada “natural”, os processos culturais é que vão nos ajudar a definir o que é, ou não, natural. Criamos e modificamos a natureza e a biologia e as tornamos histórica (LOURO, et al. 2000).

No gráfico 1 é possível observar as respostas dos/as professores/as.



**Gráfico 1: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto à concepção do que é sexualidade.**



Fonte: autora (2017)

A partir do gráfico é possível notar que 52% das respostas dos/as professores/as a respeito do que é sexualidade foram relacionadas à abordagem emancipatória. Esta defende que a educação sexual seja libertadora, e que tanto os/as docentes quanto os/as discentes busquem juntos o conhecimento e tenham uma comunicação satisfatória entre ambas as partes (FURLANI, 2005). Como se pode observar no relato do/a professor/a a seguir:

“Envolve os mais diversos aspectos como, identidade de gênero, discriminação, sistema reprodutor, DSTs, gravidez, orientação sexual etc” (P4).

Foi observado também que 48% dos/as professores/as relacionaram sexualidade a abordagem biológica e higienista, nesta o biológico é beneficiado, dar-se enfoque as discussões a respeito da reprodução humana, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez indesejada e puberdade (Ibid). É possível verificar essa concepção na resposta:

“É um conjunto de características especiais, externos e internos, determinado pelo sexo do indivíduo” (P 11).

No que concerne aos/as gestores/as, ambos/as relacionaram a sexualidade ao modelo biológico-centrado e preventivo, como podemos verificar nas respostas seguintes:

“É a escolha do gênero de cada indivíduo” (G1).

“Característica interna e externa determinada pelo sexo” (G2).

Pode-se notar que 52% dos/as professores/as relacionaram sexualidade à concepção emancipatória. Segundo Vieira e Matsukura (2017) isto é um ponto positivo, pois expressa maior atenção com as temáticas relacionadas à educação sexual, e não apenas a restringe ao viés biológico. Porém, ambos/as gestores/as e 48% dos/as professores/as relacionaram sexualidade apenas aos fatores biológicos e à sensualidade, excluindo assim as demais instâncias envolvidas, o que pode acarretar em uma visão reducionista da sexualidade (Ibid).

Quanto à definição de gênero Meyer (2004) define como sendo:

Todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (p. 15).

Ou seja, o corpo não é tratado como sendo essencialmente biológico no qual as diferenças sexuais são utilizadas para reforçar relações de poder desiguais entre homens e mulheres (Ibid).

Ao serem indagados sobre o que é gênero, 73% dos/as professores/as relacionaram ao sexo e 27% à construção social. É possível verificar isso nas respostas abaixo relacionadas a sexo:

“São as características físicas que diferencia o homem (masculino) e a mulher (feminino).” (P2)

“O sexo masculino ou feminino, ser homem, ou ser mulher” (P7).

As respostas relacionadas à construção social foram:

“Gênero é o sexo social definido, ou seja, gênero não é sinônimo de sexo” (P12).

“Papel social que diferencia as pessoas. Por ser social pode ser construído, mutável e não biológico.” (P23)

Quanto aos/as gestores/as, um/a associou gênero ao sexo e o/a outro/a à construção social.

Percebe-se que grande parte dos/as professores/as e um/a gestor/a vincularam gênero ao sexo, isso demonstra que existe deficiência em relação ao conceito deste termo por parte dos/as professores/as e gestores/as.

Ainda sobre a concepção dos/as professores/as, foi pedido que conceituassem alguns termos relacionados à sexualidade, foram eles:

Diversidade sexual, que segundo Kamel (2008) é o termo utilizado para definir as diferentes formas da sexualidade humana incluindo as identidades sexuais (homo, hetero e bissexuais) e as identidades de gênero (transexuais, travestis...). Quando questionados/as a respeito, 54% dos/as professores/as estavam de acordo com o conceito citado anteriormente, 25% divergiram deste conceito e 21% não responderam. Quanto aos/as gestores/as, um/a estava de acordo com o conceito de Kamel (2008) e o/a outro/a não respondeu. É possível verificar a divergência citada anteriormente em relação aos/as professores/as nas seguintes respostas:

“Convivência entre pessoas do sexo oposto” (P7).

“Respeito às escolhas de cada um” (P9).

Sobre o conceito de heterossexual, Silva, Guilhon Filho e Trabulsi (2009) definiram como a atração afetiva e sexual por outras do sexo oposto. Quando perguntados/as, 87% dos/as professores/as estavam em conformidade com conceito citado e 13% não responderam. Já em relação aos/as gestores/as, um/a estava de acordo com a definição de heterossexual aqui

exposta e o/a outro/a não respondeu. Pode-se verificar essa concepção nas respostas a seguir:

“Atração ou prática sexual entre indivíduos do sexo oposto” (P3).

“Pessoa que se relaciona sexualmente/afeto com alguém do sexo oposto” (P6).

“Desejo pelo sexo oposto” (G2).

O termo homossexual refere-se a uma das possíveis formas de orientação sexual. Neste caso, diz respeito à atração sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo (SILVA; GUILHON FILHO; TRABULSI, 2009). Dos/as professores/as, 87% estavam em concordância com o conceito citado e 13% não responderam. Quanto aos/as gestores/as, um(a) estava de acordo com a definição de homossexual definida anteriormente o/a outro/a não respondeu. Observa-se isso a seguir:

“Gosto ou atração sexual pelo mesmo sexo” (P19).

“Desejo pelo mesmo sexo” (G2).

A bissexualidade caracteriza-se quando uma pessoa sente atração afetiva e sexual por pessoas de ambos os sexos (Ibid). Dos/as professores/as, 87% estavam de acordo com esta definição e 13% não responderam. No que diz respeito aos/as gestores/as, um/a estava em conformidade com a definição de bissexual aqui exposta e o/a outro/a não respondeu.

“Pessoa que gosta/relaciona/sexualmente com ambos os sexos” (P6).

“Desejo pelos dois sexos” (G2).

O termo travesti é utilizado quando uma pessoa se veste e se comporta como sendo do sexo oposto, faz cirurgias para colocar silicone, obter formas arredondadas, além de utilizar hormônios (Ibid). Quando questionados/as a respeito do termo, 79% dos/as professores/as estavam em concordância com a definição citada, 13% não responderam e 8% dos/as professores/as divergiram deste conceito. É possível observar esta divergência no exemplo a seguir:

“O popular viado.” (P14)

“Mantém o órgão genital” (P23)

Quanto aos/as gestores/as, a respeito do conceito de travesti, um/a estava de acordo com a definição referida e o/a outro/a não respondeu.

Transexual refere-se à pessoa que não se identifica com o sexo ao qual nasceu, o fator psicológico é essencial na transexualidade, o sujeito identifica-se com o sexo oposto, embora possua genitália externa e interna de um único sexo. Em resposta à pergunta sobre conhecimento do assunto, 65% dos/as professores/as estavam de acordo com o conceito mencionado e 35% não responderam. Em relação aos/as gestores/as, um/a estava de acordo com a definição citada e o/a outro/a não respondeu. Como observa-se a seguir:

“Indivíduo que não se reconhece com o seu sexo biológico, (sexo psicossocial X sexo biológico)” (P4).

“Comporta e se manifesta socialmente como do sexo oposto” (G2).

Lésbica é o termo utilizado para nomear as mulheres que se identificam como mulheres e têm relação afetiva e sexual com outras mulheres (BRASIL, 2013). Ao serem perguntados/as a respeito, 91% dos/as professores/as apresentou-se em concordância com o termo citado e 9% não respondeu. Em relação aos/as gestores/as, um/a estava de acordo com a definição referida e o/a outro/a não respondeu.

“Termo que é utilizado para a homossexualidade feminina” (P15).

“Desejo sexual entre mulheres” (G2).

Homofobia não compreende apenas o indivíduo e sua resistência contra homossexuais, incorpora também os preconceitos contra gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, dentre outras formas de diversidades sexuais, por seu estilo de vida e aparências distintas dos heterossexuais. Ou seja, envolve também aspectos jurídicos, sociais, educacionais e políticos (SOUZA, 2015). Dos/as professores/as, 87% estavam em concordância com o termo e 13% não responderam. Já os/as gestores/as um/a estava de acordo com o conceito de citado e o/a outro/a não respondeu.

“São ações preconceituosas aos grupos ou pessoas que são homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais” (P2).

“Sentimento de aversão, repúdio a pessoas que divergem do padrão comum ao da heterossexualidade” (P4).

Nota-se que em todos os termos citados relacionados à sexualidade tiveram tanto professores/as quanto gestores/as que não responderam, talvez isso se der pelo fato de não conhecerem determinado termo ou até mesmo não terem a formação acadêmica necessária para tratar a questão em sala de aula (TONATTO, SAPIRO, 2002). Outra possibilidade seria o receio de abordar a temática devido à repressão dos pais e mães que muitas vezes não aceitam que seus filhos e filhas estudem o tema no ambiente escolar (NOVAK, 2013). Enfim, segundo Figueiró (2006), “o silêncio é também uma forma de educar. Com ele, os alunos aprendem que este é um assunto tabu”.

De modo geral, percebe-se que a maioria dos/as professores/as e gestores/as conhecem os termos ligados a sexualidade. Podemos observar que dentre todos os termos citados na questão anterior apenas dois (diversidade sexual e travesti) tiveram divergência dos conceitos em relação ao que é reconhecido pela literatura.

#### **4.2 Formação de professores/as**

Para verificar a concepção e formação dos/as professores/as foi perguntado o que eles/as entendiam por educação sexual.

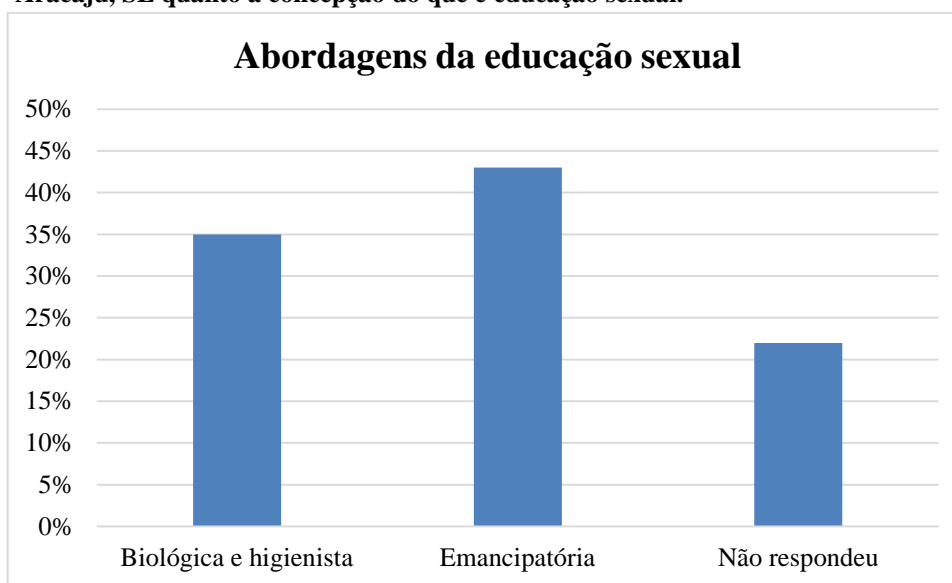
Segundo Figueiró (2006, p.38) educação sexual é:

“Toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, considerando o conhecimento de informações básicas, discussões e reflexões de valores, sentimentos, normas e as atitudes ligadas à vida sexual”.

Nesse processo o sujeito tem a oportunidade de educar-se sexualmente, assim sendo, a educação sexual passa a ser chamada de emancipatória, pois está preocupada com a transformação social do indivíduo desenvolvendo assim a sua autonomia com questões ligadas à sua sexualidade (BRITTOS; SANTOS; GAGLIOTTO, 2013).

No gráfico 2 observa-se a respostas dos/as professores/as quanto à concepção de educação sexual.

**Gráfico 2: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto à concepção do que é educação sexual.**



Fonte: autora (2017)

A partir do gráfico é possível verificar que 43% dos/as professores/as ao serem questionados/as sobre o que é educação sexual a relacionaram-na a abordagem emancipatória, 35% a biológica e higienista e 22% não responderam. É possível verificar isso no exemplo abaixo relacionado à abordagem emancipatória:

“Orientação sobre a sexualidade humana. Sua importância consiste em orientar e dar informações seguras.” (P 20)

As respostas relacionadas à abordagem biológica foram:

“Informação a respeito dos cuidados e perigos sobre sexo. É importante para se precaver” (P13).

“É o ensino sobre anatomia e comportamento relacionados à reprodução humana. É importante para o esclarecimento de questões ligadas a anatomia, saúde e prevenção de doenças” (P5).

Percebe-se que P13 associa sexo a algo perigoso, o que reforça a necessidade de formação continuada dos professores em relação à educação sexual no intuito de desmistificar preconceitos (FIGUEIRÓ, 2004).

Com relação aos/as gestores/as um/a relacionou educação sexual a abordagem biológica e higienista e o/a outro/a a abordagem emancipatória.

“Orientação para as questões íntimas corporais. O bom uso do corpo” (G1).

“Educar para o conhecimento em biologia, saúde e comportamento ético” (G2).

Apesar de 43% dos/as professores/as, e um/a gestor/a terem relacionado à educação sexual a abordagem emancipatória, 35% associou-a a abordagem biológica e higienista, ou seja, alguns/mas professores/as ainda entendem a educação sexual de forma estritamente biológica, não abrangendo assim as demais instâncias que estão associadas a essa temática. O mesmo pode-se observar nos estudos de Vieira e Matsukura (2017), no qual a maioria dos/as professores/as sustentam o modelo biológico-centrado e preventivo.

Foram indagados/as também se na sua formação profissional tiveram alguma orientação sobre como lidar com questões relativas à sexualidade e/ou gênero, 78% dos/as professores/as disseram que não e 22% que sim. Sobre os que disseram sim, relataram que tiveram contato com a temática em cursos e palestras, debates na aula de redação, e durante o curso. Quanto aos/as gestores/as um relatou que sim, em um curso extensão e outro/a disse que não teve esse tipo de formação.

Constata-se que 78% dos/as professores/as e um/a gestor/a não tiveram orientação nenhuma de como lidar com questões relacionadas à sexualidade durante a sua formação. Bonfim (2009) reconhece a existência de uma contradição em relação a essa temática na medida em que essa não está incluída nos cursos de licenciatura, porém é cobrada nos currículos escolares.

Sobre a participação em cursos de capacitação que incluíssem questões de sexualidade e/ou gênero, 87% dos/as professores/as disseram não haver feito nenhum curso e 13% afirmaram já haver participado em cursos sobre DSTs, identidade de gênero, diversidade sexual e temas transversais. No que concerne aos/as gestores/as, um/a afirmou ter feito um curso de DSTs pelo MEC e o/a outro/a disse não haver feito nenhum curso de capacitação que incluísse a temática.

Relacionado ainda à formação de professores/as, foi perguntado se eles/as têm interesse e buscam informações conceituais acerca de sexualidade, gênero e diversidade sexual. As respostas revelaram que 52% dos/as professores/as buscam informações na internet, livros, sites, documentários, filmes, diálogos e cursos. E 48% declararam não ter interesse. Dos/as gestores/as, um/a afirmou procurar informações a respeito da temática em revistas científicas e artigos e o/a outro/a disse que não procura.

De modo geral pode-se observar que a maioria dos/as professores/as durante a sua graduação não tiveram orientações de como lidar com questões relacionadas à sexualidade e/ou gênero, assim como também não fizeram nenhum curso de capacitação a respeito da temática. No entanto, 52% buscaram informações em diferentes fontes sobre o tema. Como por exemplo: internet, sites confiáveis, revista científicas, artigos, livros, dentre outros.

### **4.3 Atividades pedagógicas sobre educação sexual no centro de excelência**

#### **4.3.1 Atividades na sala de aula**

Foi averiguado se os/as docentes já trabalharam ou trabalham a temática educação sexual em sua disciplina. Do total, 70% disseram não trabalhar e 30 % afirmaram que trabalham. Como verificado nas respostas abaixo:

“Sim, promovendo discussões sobre as temáticas” (P3).

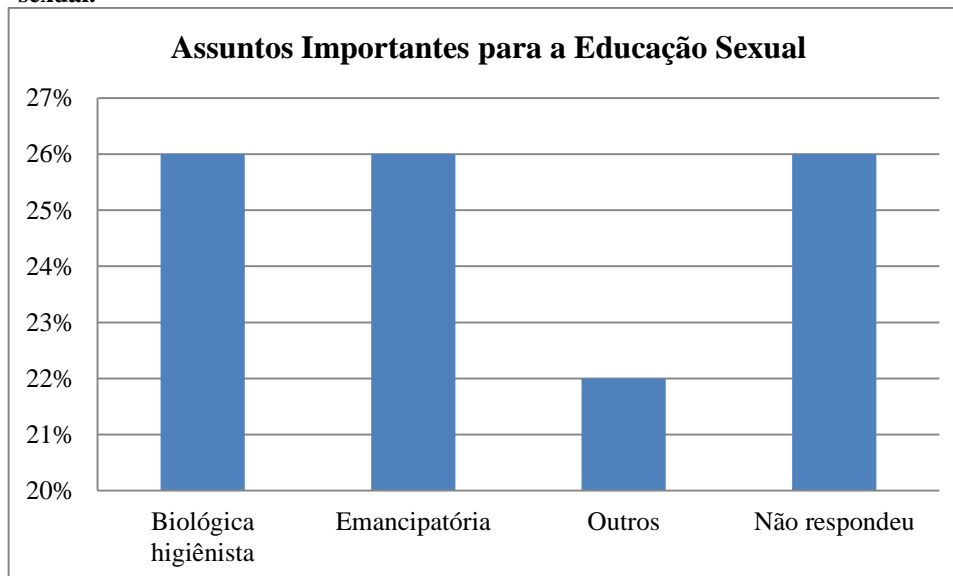
“Sim, no momento abordando alguns temas acerca dessa temática, quando trabalho o sistema reprodutor” (P4).

Os/as gestores/as foram questionados/as se já haviam trabalhado ou trabalham essa temática na escola, um/a gestor/a disse já ter trabalhado em forma de palestras e o/a outro/a afirmou que a temática já é tratada nas aulas de biologia.

Observa-se que a educação sexual vem sendo abordada na maioria das vezes apenas nas aulas de ciências e biologia, como confirma os estudos de Silva, Siqueira e Rocha (2009), ainda segundo elas, essa educação sexual está voltada apenas a prevenção de DSTs e gravidez na adolescência, deixando de lado os aspectos culturais e a subjetividade dos indivíduos. O que vai de encontro ao que preconiza os PCNs, este traz que a educação sexual deve ser trabalhada de forma interdisciplinar (Brasil, 2000).

Outra pergunta foi quais assuntos eles/as consideram importantes serem abordados na educação sexual. Posteriormente, esses assuntos foram agrupados em categorias segundo as abordagens de Furlani (2005) e apresentados no gráfico 3. Algumas respostas permeiam mais de uma abordagem, porém essas foram inseridas na abordagem que mais lhes representa.

**Gráfico 3: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto aos assuntos a serem trabalhados em educação sexual.**



Fonte: autora (2017)

Como é possível observar, 26% dos/as professores/as deram respostas associadas à abordagem biológica higienista. Como se verifica nos exemplos a seguir:

“Proteção de doenças, sexo seguro” (P1).

“Reprodução” (P23).

Outros 26% dos/as professores/as deram respostas relacionadas à abordagem emancipatória. É possível verificar isso na resposta a seguir:

“DSTs, identidade de gênero, gravidez, orientação sexual, reprodução, métodos anticoncepcionais, homofobia, heteronormatividade, lesbofobia, sexualidade, transfobia” (P 15).

Das respostas dos/as professores/as, 30% foram caracterizadas como outros. A exemplo temos:

“Pela faixa etária” (P7).

“Teria que ser de uma forma geral com ações pontuais e temas mais específicos.” (P16)

E 26% não responderam.

Em relação aos/as gestores/as uma resposta estava voltada a abordagem biológica higienista e a outra a emancipatória.

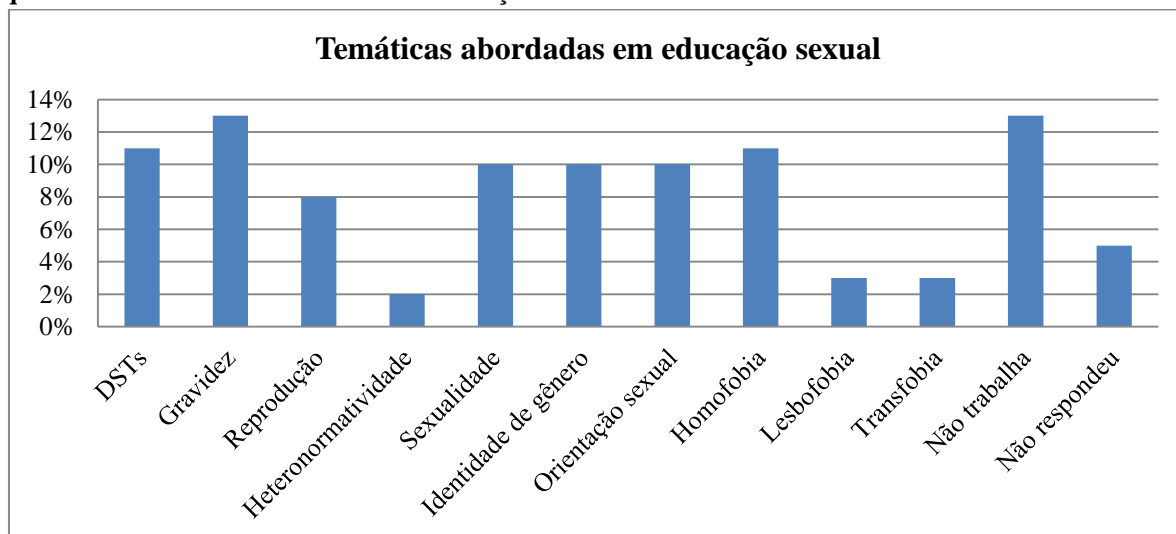
“Higiene íntima: masculina e feminina; saúde na gravidez da mãe, do filho (a)” (G1).

“IST’s; ética etc” (G2).

Ao serem indagados/as a respeito de trabalharem alguma temática das citadas na questão em sua disciplina obtemos as seguintes respostas (Gráfico 4):



**Gráfico 4: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto às temáticas abordadas sobre educação sexual.**



Fonte: autora (2017)

É possível notar que 11% dos/as professores/as trabalham as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) em sua disciplina, 13% trabalham gravidez, 8% reprodução, 2% heteronormatividade, 10% sexualidade, 10% identidade de gênero, 10% orientação sexual, 11% homofobia, 3% lesbofobia, 3% transfobia, 13% não trabalham nem uma das temáticas e 5% não respondeu. Ou seja, as temáticas mais abordadas em sala aula são: gravidez, seguido de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e homofobia.

De modo geral observa-se que 13% dos/as professores/as não trabalham educação sexual em suas disciplinas e os dois temas mais trabalhados em sala de aula, são voltados para a abordagem biológica higienista. Ou seja, aquela cujo foco é voltado apenas para o viés biológico, abordando temas como reprodução humana, DSTs e gravidez indesejada, deixando assim de lado as demais instâncias que abrange a educação sexual, como a social, psicológica, histórica, cultural e religiosa, o que pode implicar em um currículo reducionista (FURLANI, 2005).

#### 4.3.2 Projetos desenvolvidos na escola

Para verificar a temática e seu desenvolvimento na escola foi perguntado se existe trabalho de educação sexual sendo desenvolvido acerca do tema. Do total, 43% dos/as docentes não souberam responder, 35% informaram que não há trabalho sendo desenvolvido e 22% disseram que há. Ambos os/as gestores/as afirmaram haver projeto de educação sexual sendo desenvolvido no ambiente escolar.

“Essa temática é discutida com os alunos durante a disciplina eletiva, “discutindo saúde”, onde são discutidos vários temas sobre saúde, dentre eles, inclui-se essa temática.” (P4, P5 e G2).

Por ter ensino integral à escola oferta disciplinas chamadas de eletivas, uma delas recebe o nome de “discutindo saúde”, de abordagem biológica higienista, que dentre as temáticas abordadas inclui-se educação sexual.

Com base nas respostas dadas pelos/as gestores/as na pergunta relacionada à existência de integração entre os/as professores/as para tratar à temática, pode-se hipotetizar que esses projetos que são descritos pelos/as gestores/as como existentes no espaço escolar, estão voltados para os/as professores/as de biologia. O que acaba acarretando uma sobrecarga para o profissional desta área, além de a educação sexual ficar restrita a uma única disciplina, tendo assim caráter pontual. Sendo que essa temática deve perpassar por todas as áreas de ensino de forma contínua e gradual (BRASIL, 2000).

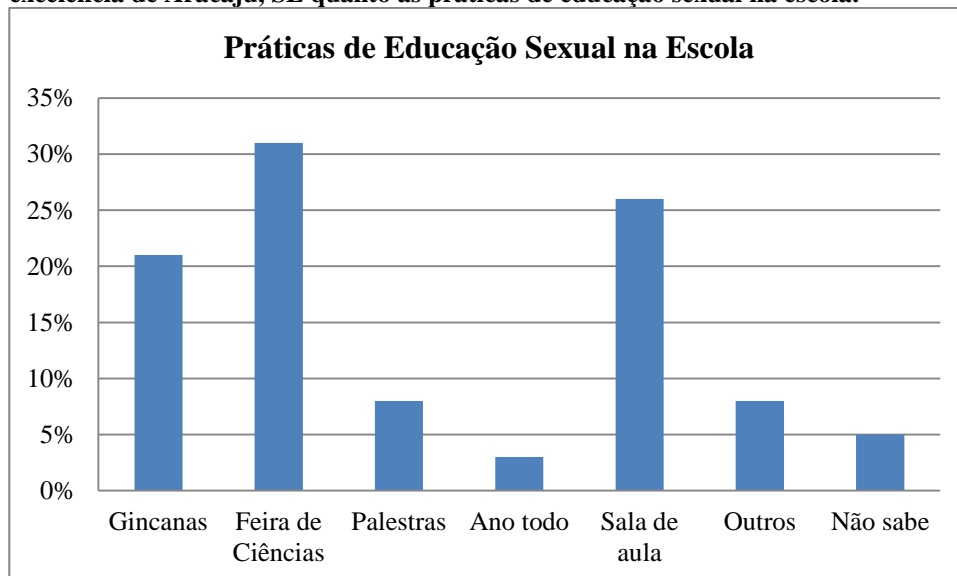
Foi indagado também se existem dificuldades na escola para a realização de práticas de educação sexual. Dentre os/as professores/as, 61% disseram que não, 22% disseram que sim e 17% não souberam informar. Sobre os que disseram sim, citaram a falta de capacitação, falta de profissionais qualificados e espaço escolar. Em relação aos/as gestores/as, um/a citou a falta de material adequado e outro/a afirmou não haver dificuldades.

Acerca do desenvolvimento de projetos foi também perguntado se eles/as estariam dispostos/as a realizar um trabalho de educação sexual 35% disseram que não, pois é um tema bastante polêmico, 26% sim, justificando a importância de dar oportunidade aos/as alunos/as de discutir, ampliar e orientá-los/as acerca dessa temática, 22% não responderam e 17% falaram que depende do tempo a ser gasto na preparação. Quanto aos/as gestores/as, ambos/as disseram não estarem dispostos/as a realizar trabalhos de educação sexual, devido à necessidade de maior formação.

Nota-se que 35% dos/as professores/as e ambos/as os/as gestor/as não estão dispostos/as a realizarem trabalhos de educação sexual na sala de aula, provavelmente isso deve a formação teórico-metodológica dos/as professores/as e gestores/as não terem abordado como lidar com questões relativas à sexualidade que muitos deles/as mencionaram em outras perguntas do questionário. Entretanto, como educadores/as é necessário estarem sempre em busca de aprofundamento teórico independente da temática (SANTOS; ARAUJO, 2009). Segundo Figueiró (2004), uma das alternativas para minimizar esse problema seria a formação continuada através de cursos, reflexões direcionadas etc. para complementar a prática do/a professor/a.

Ainda sobre as práticas no colégio, foi perguntado em que eventos ocorrem às práticas de educação sexual. Pode-se observar as respostas dos/as professores/as no gráfico 5.

**Gráfico 5: Percentual (%) das respostas dos/as professores/as de um centro de excelência de Aracaju, SE quanto as práticas de educação sexual na escola.**



Fonte: autora (2017)

Segundo o gráfico, os eventos que mais ocorrem práticas de educação sexual são as feiras de ciências com 31%, seguidos da sala de aula 26%, das gincanas com 21%, 8% palestras, 3% ano todo, 5% não souberam responder e 8% outros. Um/a dos/as gestores/as informou que estas práticas eram realizadas em gincanas, feira de ciências, na sala de aula e durante aulas de biologia. O/a outro/a gestor/a esclareceu que essas práticas ocorriam em gincanas e feira de ciências.

Constata-se que as práticas de educação sexual no colégio estão centradas em feira de ciências, sala de aula, e gincanas. Porém por ser interdisciplinar, esperava-se que essa temática fosse trabalhada o ano inteiro (Brasil, 2000).

#### **4.4 Educação sexual interdisciplinar ou disciplinar?**

Sobre a educação sexual e sua interdisciplinaridade foi perguntado se eles/as achavam que a educação sexual deveria ser trabalhada em alguma(s) disciplina(s) específica.

As respostas foram 74% sim, 22% não e 4% não responderam. Dos/as que disseram sim, as disciplinas citadas foram filosofia, sociologia, história, geografia, biologia, educação física, artes, redação e disciplina eletiva.

Foi perguntado também se existe integração entre os/as professores/as para discutir educação sexual. As repostas foram: 78% não havia, 13% sim e 9% não sabiam. Segue um exemplo referente aos/as educadores/as que disseram haver integração na escola:

“Sim, mas apenas entre os professores de biologia. É realizado a partir da reunião pedagógica no início do ano letivo, para que seja incluída no currículo” (P5).

Ambos os/as gestores/as informaram não haver integração entre os/as professores/as, justificaram dizendo que:

“Cada professor trabalha a sua disciplina” (G1).

“Não, Professores de biologia respondem pelo projeto” (G2).

Percebe-se que, 74% dos/as professores/as acreditam que a educação sexual deve ser trabalhada de forma disciplinar, em algumas das disciplinas já existentes e 79% afirmaram não haver integração entre os/as professores/as para discussão da temática. Diante do exposto, percebe-se que os/as professores/as não dialogam entre si a respeito da temática, com isso, creem que a mesma deve ser trabalhada em algumas disciplinas específicas, porém, se isso fosse feito iria apenas sobrecarregar o professor de determinada disciplina, visto que a educação sexual é um tema transversal que deve ser trabalhado por todos/as os/as professores/as por tratar de processos que estão sendo vividos a todo tempo pelos sujeitos (BRASIL, 2002; BRUSQUETS; CAINZOS, FERNÁNDEZ, 1993).

Também foi questionado se eles/as achavam que deveria ser criada uma nova disciplina para abordar as temáticas relacionadas à educação sexual. A maioria dos/as docentes, 88% disseram que não há necessidade de ser criada uma disciplina, 8% relataram haver essa necessidade e 4% não respondeu.

Dos/as 21 professores/as que mencionaram não haver a necessidade de criação de nova disciplina, 15 justificaram que a temática é interdisciplinar, e 5 deram as seguintes respostas:

“Creio que não, pois essa temática já vem sendo discutida na disciplina eletiva, discutindo saúde” (P4, P5, P9).

“Não, o tema tem sido abordado em atividades de biologia” (P12, P20).

No que se referem aos/as gestores/as, ambos/as concordaram que deveria ser criada uma nova disciplina para a abordagem da educação sexual. Pode-se verificar isso no exemplo a seguir:

“Sim. Os alunos buscam essas informações informalmente com os professores e pedagogos” (G2).

Verifica-se uma contradição no momento que 15 dos/as professores/as afirmam não haver a necessidade de criação de uma nova disciplina, pois a temática é interdisciplinar, ao mesmo tempo em que 17 dizem que a educação sexual deveria ser trabalhada em algumas disciplinas já existentes.

Acerca da interdisciplinaridade, também foi questionado se com a sua formação atual eles/as sentiam-se preparados/as para abordar a temática de forma interdisciplinar, 43% disseram que sim, 49% não e 9% não responderam. Dos/as que disseram não justificaram:

“Falta de preparação” (P7, P13, P15).

“Adaptação, planejamento, sintonia com que tipo de tema da matemática seria contextualizado” (P19).

Ambos/as os/as gestores/as afirmaram não estarem preparados/as para trabalhar educação sexual de forma interdisciplinar. Como se verifica a seguir:

“Falta de material adequado na instituição” (G1).

“Não. Momentos de formação” (G2).

Percebe-se que 49% dos/as professores/as e ambos/as os/as gestores/as não sentem-se preparados/as para dar uma abordagem interdisciplinar a educação sexual. Como ressaltado na resposta de alguns/mas deles/as, talvez isso se der a falta de material didático para auxiliá-los/las na execução de alguma atividade ou até mesmo falta de preparo para trabalhar a temática em sala de aula (TONATTO; SAPIRO, 2002).

#### **4.5 Dificuldades enfrentadas**

Sobre as dificuldades, foi perguntado se eles/as já haviam se deparado com situações de preconceito em sua prática profissional e/ou cotidiana. A maioria, 57% disseram que não, 35% sim e 9% não responderam. Dos/as que disseram sim:

“Já tive alunos homossexuais e um transexual e devido à discriminação dos demais alunos para com ele precisei abordar essa temática em aula” (P4).

“Busquei respeitar a opção do outro e manter uma postura neutra ou imparcial” (P5).

Aqui se percebe duas situações bastante diferentes, P4 ao perceber que um/a de seus/suas alunos/as estava sofrendo preconceito trouxe a temática para a sala de aula, enquanto que P5 preferiu manter uma postura neutra ou imparcial.

O/a professor/a P5, justifica sua postura “neutra ou imparcial” diante da situação de preconceito, como sendo uma forma de respeitar a opção do outro. Porém, muitas vezes o/a educador/a se depara com situações as quais não sabe resolver devido a não ter a qualificação necessária para abordar determinado tema (TONATTO; SAPIRO, 2002).

Mais uma vez, a formação continuada seria uma opção para amenizar essa situação. Porém, o processo de formação continuada não deve ser interrompido e precisa ter relação com as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar, para assim dar resultados (BRITTOS; SANTOS; GAGLOTO, 2013).

Outras dificuldades também são enfrentadas pelos/as educadores/as nesse processo de educação sexual, tanto dentro sala de aula, quanto fora dela. Algumas das dificuldades encaradas dentro da sala de aula são as conversas paralelas, que acabam muitas vezes não permitindo que o/a docente conduza a aula e a falta de recurso didático relacionado a temática. Já fora do âmbito escolar, a maior dificuldade a ser enfrentada é a resistência por parte de alguns pais e mães dos/as estudantes em aceitar que seus/as filhos/as tenham aula de

educação sexual (NOVAK, 2013). Diante do exposto, é visível a necessidade da produção de recursos didáticos voltados para a educação sexual.

#### 4.5.1 Cartilha conceitual sobre Educação Sexual

A cartilha foi entregue aos/as professores/as como um instrumento de sensibilização, no momento de entrega os/as professores/as foram informados/as do seu conteúdo e foi estabelecido um diálogo informal breve para explicar o quanto a participação dos/as educadores/as foi importante para a construção do material (Figura 2).

Segundo Oliveira et al. (2016), a cartilha é um recurso didático-pedagógico que fornece informações a respeito de qualquer assunto de forma simples e em uma linguagem acessível a todos os públicos, apresentando o tema de forma resumida e ilustrativa. Além de ser envolvente e motivar as pessoas para a leitura (FREITAS, 2013).

Figura 2: entrega da cartilha conceitual aos/as professores/as e gestores/as.



Vale ressaltar que para entender a educação sexual é preciso lembrar que ela não é um ato neutro. Pelo contrario é permanente e política. Existem oito princípios para a educação sexual abordados por Furlani, são eles:

1. A educação sexual deve começar na infância, ou seja, fazer parte do currículo escolar, visto que as temáticas discutidas na educação sexual são fundamentais para o desenvolvimento da criança e do/a jovem. As identidades culturais formam os sujeitos e determina suas relações sociais desde o inicio, no nascimento. A sexualidade se expressa em todas as fases da vida, não se pode deixar para abordá-la apenas na adolescência baseado na crença de que somente na puberdade é que se iniciam as manifestações sexuais (FURLANI, 2009).

2. As manifestações da sexualidade não se justificam, apenas, pelo objetivo da “reprodução”, desde a infância, essa vivencia da sexualidade se justifica pela descoberta corporal. Na medida em que as descobertas sociais e sexuais vão surgindo, aumenta também a capacidade de socialização e interação entre as pessoas. Descobrir o próprio corpo e suas emoções, seja individualmente ou com parceiros, produz sensações prazerosas. Essas sensações é um fator importante para que a pessoa atinja um estado de gratificação física, psíquica e emocional (Ibid).

3. A descoberta corporal é expressão da sexualidade, desde a infância as crianças manipulam seus órgãos genitais, esse ato é uma das etapas desse aprendizado e faz parte de um processo esperado e benéfico do aprendizado da criança sobre a sua sexualidade. O papel da escola é ensinar a criança o local e o momento adequado para tais manifestações, e não repreendê-las (Ibid).

4. Não deve existir qualquer segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas, a convivência mutua é uma forma de meninos e meninas, rapazes e garotas, homens e mulheres superarem a desigualdade de gênero, o respeito mútuo coloca em xeque os pressupostos que legitimam o sexismo, o machismo e a misoginia. Querer separar determinado assunto como sendo apenas de menino ou de menina é contribuir para a desigualdade de gênero (Ibid).

5. Meninos e meninas devem/podem ter os mesmos brinquedos, brincar de carrinho ou de boneca, assim como qualquer outro brinquedo, não define a orientação sexual de ninguém. Os brinquedos estão relacionados com habilidades, socialização e imitação de atividades adultas. Quando a criança tem a oportunidade de brincar com diferentes brinquedos ela adquire diferentes habilidades e atitudes, além de experimentar vários papéis adultos (Ibid).

6. A linguagem plural, usada na Educação Sexual, deve contemplar tanto o conhecimento científico, quanto o conhecimento popular/cultural, a escola não deve menosprezar nem um deles, os dois fazem parte das experiências dos sujeitos. Na educação sexual as crianças e jovens aprendem o nome das suas genitais e partes do corpo, fazendo associação à nomenclatura familiar que já possuem (Ibid).

7. Há muitos modos da sexualidade e do gênero se expressar em cada pessoa, o afeto e atração erótica entre pessoas do mesmo sexo talvez seja o aspecto da sexualidade mais difícil de ser compreendido e aceito, por muitas pessoas. Nos dias atuais, a instituição médica, a mesma que considerou a homossexualidade doença no século XVIII, alega que o sentimento afetivo entre pessoas do mesmo sexo é uma das possibilidades de expressão da sexualidade humana (ibid).

8. A educação sexual pode discutir valores como respeito, solidariedade, tolerância... E assim, questionar preconceitos, sempre que possível deve-se trabalhar com as crianças e jovens atividades que os levem a refletir sobre “o outro”, “o diferente”. Assim a escola contribui para diminuir as desigualdades sociais, em busca da paz, contra as muitas formas de exclusão baseadas no sexo, gênero, raça, sexualidade, origem e classe social (ibid).



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise das concepções dos/as professores/as e gestores/as em educação sexual, observou-se que há uma prevalência da abordagem biológica higienista. Além disso, a maioria dos/as professores/as e gestores/as consideram a educação sexual disciplinar e não existe integração entre os/as professores/as para problematização e discussão acerca dos assuntos sobre educação sexual. Com relação às práticas de educação sexual, foi informado que estas estão centradas nas feiras de ciências, sala de aulas e gincanas. O que vai de encontro ao que preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que defende a importância da interdisciplinaridade da temática. Nesse ponto, é importante destacar que, ainda que os PCNs apresentem lacunas quanto à nomenclatura e abordagem da temática, é um documento seguido pelas escolas e apresenta seus pontos positivos, a exemplo da valorização dos temas transversais como interdisciplinares e que devem ser trabalhados de forma contínua e permanente.

O trabalho revela que os/as professores/as e gestores/as não têm base de formação aprofundada e nem complementar, na graduação, para trabalhar a educação sexual na sua disciplina e muito menos de forma interdisciplinar. Por este motivo não demonstraram interesse em realizar projetos de educação sexual na escola, visto que não possuem formação para tal.

Logo, a hipótese inicial da pesquisa sobre a educação sexual não ser trabalhada apenas com enfoque biológico e incluir práticas transversais, em um centro de excelência em Aracaju, foi em parte rejeitada.

A escola tem um papel fundamental na formação de alunos/as e da comunidade sobre os problemas relacionados à sexualidade. Para a formação de um/a cidadão/ã consciente e com capacidade de refletir sobre sua sexualidade com vistas a realizar mudanças positivas e tomar decisões de forma segura e responsável é preciso que o/a professor/a esteja aberto/a à problematização e construção de conhecimento sobre o tema.

Nesse contexto, a pesquisa permite constatar que esse centro de excelência necessita de um trabalho com projetos em educação sexual mais eficazes. Para isso, precisa haver um incentivo para os/as professores/as e gestores/as de maneira mais objetiva.

Como sugestão, o trabalho aponta que é preciso pensar no desenvolvimento de ações voltadas para a formação de professores/as sobre a temática; maior articulação entre a universidade e a escola mediante rodas de conversa, palestras e oficinas direcionadas aos/as professores/as e gestores/as sobre educação sexual; e reconhecimento da importância da

interdisciplinaridade do tema e relevância da integração de educadores/as, por parte da escola e da secretaria de educação do estado e municípios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, E. M. S. **O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)**. São Paulo, 2005.

AQUINO, C.; MARTELLI, A. C. **Escola e educação sexual: uma relação necessária. Seminário de pesquisa de educação da região sul. IX ANPED Sul**. 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad de Luis A. Reto; Augusto Pinheiro; São Paulo: Edições 70; Martins, Fontes, 1997.

BONFIM, C. R de S. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades**. 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Apresentação dos temas transversais: ética / Secretaria de educação fundamental**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 146 p. vol8.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Pluralidade cultural: orientação sexual / Secretaria de educação fundamental**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 164 p. vol10.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Mulheres lésbicas e bissexuais: direitos, saúde e participação social / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa**. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 46, de 11 de abril de 2016**. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/15042016-Portaria-46-Regulamento-PIBID-completa.pdf>>. Acessado em: 27/10/2017.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 39/2014/CONEPE**. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/0392014%20-%20Biologia%20Licenciatura%20Projeto.pdf>>. Acessado em: 30/10/2017.

BRITTOS, E. S.; SANTOS, A. B. dos.; GAGLIOTTO, G. M. **A importância da educação sexual na formação de professores/as: o projeto laboratório de educação sexual adolecer e a intervenção necessária junto a adolescentes no espaço escolar**. Simpósio internacional de educação sexual. Maringá-PR, 2013.

BUSQUETS, M. B.; CAINZOS, M.; FERNÁNDEZ, T. **Temas transversais em educação – Bases para uma formação integral**. 6 ed. São Paulo: Editora ática, 1993. 198 p.

CÉSAR, M. R. de A. Lugar de Sexo é na Escola? Sexo, Sexualidade e Educação sexual. In: **Sexualidade**; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 49 – 58.

CRUZ, I. C. F. **Sensualidade, sexualidade e emancipação. Subsídios para a discussão sobre a subjetividade da mulher negra**. Revista de enfermagem UERJ, v.3, nº2. Rio de Janeiro, 1995.

FERREIRA, C.M.O **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.

\_\_\_\_\_. & SILVA JUNIOR, D.P. **Recursos audiovisuais no processo ensino aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1996, 143p.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **A formação de educadores sexuais.** Londrina, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola.** Linhas (UDESC), v. 7, 2006. p. 1-21.

FRADE, A.; MARQUES, A.; ALVERCA, C.; VILAR, D. **Educação sexual na escola.** 1999.

FREITAS, F. S. **Elaboração de uma cartilha sobre a importância ecológica e econômica dos morcegos.** Brasília, 2013.

FURLANI, J. Encarar o desafio da educação sexual na escola. In: **Sexualidade**; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 37 – 48.

\_\_\_\_\_. **O Bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis.** Rio grande do sul, 2005.

GIRRONDI, J. B. R. G; NOTHAFT, S. C. S; MALLMANN, F. M. B. **A metodologia problematizadora utilizada pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes.** Florianópolis-SC, 2006.

GOMES FILHO, A. S.; SANTOS, C. E.; SILVA, L. M. **Sexo, gênero, Sexualidade: via(da)gens\* em Conceitos.** Rev. Psic. V.10, N. 33. Supl 2. Janeiro, 2017 - ISSN 1981-1179.

GTPOS. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º Grau.** Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual; Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, I. R. F. **Educação sexual na escola: mito e realidade.** Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP.** Revista Brasileira de Enfermagem. São Paulo, 2006.

KAMEL. L. **Diversidade sexual nas escolas: o que os profissionais de educação precisa, saber.** Rio de janeiro: ABIA, 2008.

LÍRIO, S. No reino da alma. In **CARTACAPITAL**, São Paulo: Editora Confiança, junho, 2004.

LOURO, G. L. et al. **O corpo educado – Pedagogias da sexualidade.** 2ed. Autêntica, Belo horizonte, 2000, 127 p.

\_\_\_\_\_. Pensar a sexualidade na contemporaneidade. In: **Sexualidade**; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 29 – 36.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e educação sexual.** Bauru, s/d.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. 277 p.

MARQUINI, M. L. **Atividades de sexualidade na escola para o aperfeiçoamento da cidadania dos alunos limites e possibilidades.** Rolândia – Pr, s/d.

MATTOS, A. H.; FERREIRA, A.; JABUR, S. S. **O papel do educador na construção de uma sexualidade emancipadora no Colégio Estadual Gabriel de Lara em Matinhos – PR.** Matinhos – PR, 2008.

MAYER, D. E. E. **Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 57, n.1, Brasília, p. 13-18.

NOVAK, E. **Dificuldades enfrentadas pelos professores/as ao trabalhar educação sexual nas escolas.** Medianeira, 2013.

OLIVEIRA, J. R.; MELO, K. N.; CONCEIÇÃO, C. M.; NEVES, R. F.; MODESTO, J. C.A. **Produção de cartilha “Escorpião, que bicho é esse?”: um recurso para o ensino na educação em saúde nas aulas de ciências.** III Congresso Internacional das Licenciaturas COINTER, 2006.

SANTOS, D. B. C.; ARAUJO, D. C. Sexualidade e gêneros: questões introdutórias. In: **Sexualidade;** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 13 – 28.

SCHMITZ, E. **Fundamentos da Didática.** 7. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1993. 175p.

SILVA, A. F.; GUILHON FILHO, B. S.; TRABULSI, M. T N. **Unidos pela liberdade separados pelo preconceito.** Maranhão, 2009.

SILVA, I. O.; SIQUEIRA, V. H. F.; ROCHA, W. F. **Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil.** Revista Electrónica de las ciencias vol. 8 n° 1. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, R. D.; PEREIRA, A. M. T. B.; SANTIN FILHO, O. **Atitudes e Crenças de Professores/as sobre Sexualidade: Resultados Preliminares.** In: VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPr - EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas - CIAVE, Curitiba, 2008.

SOUZA, E. J. **Diversidade sexual e homofobia na escola: as representações sócias de educadores/as da educação básica.** São Cristóvão, 2015.

SOUZA, H. P. **Sexo, energia presente em casa e na escola.** São Paulo: Paulinas, 2002.

SOUZA, L. B. S.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G.T. **Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar.** Acta paul. Enferm., v 9, n.4, p.408-413, 2006.

SPITZNER, R. H. L. **Sexualidade e adolescência: reflexões acerca as educação sexual na escola.** Maringá, 2005).

TONATTO, S.; SAPIRO, C. M. **Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências.** Psicologia & Sociedade. Rio Grande do Sul, 2002. Pág. 163-175.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. **Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores/as do ensino fundamental da rede pública.** Revista Brasileira de Educação. V. 22. São Paulo, 2017.

VIEIRA, S. S. **História e memória: o colégio Atheneu Sergipense como palco para análise do ensino de história (1930-1945).** ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política, Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

XAVIER, F. J.; LINHARES, M.I.S.B. ; ALMEIDA, N. R. O. **Gênero e sexualidade: que concepções as juventudes tem construído em suas trajetórias juvenis?.** In: V Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira: Territórios Interculturais de Juventude. Recife, 2012.

ZOCCA, A. R. **A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores.** Araraquara - SP, 2015.

APÊNDICE A - Ofício para o/a diretor/a da escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

Ofício s/nº

Em 22 de Agosto de 2017.

Ao Senhor/a diretor/a:

Assunto: Autorização para aplicação de questionário semi-aberto, para cumprimento da pesquisa intitulada Concepções de professores/as e gestores/as sobre Educação Sexual, em um Centro de Excelência de Aracaju, Se

Na condição de professora da disciplina de Prática de Pesquisa do Ensino de Ciências e Biologia II e de orientadora da discente Josiane dos Santos, pelo departamento de biologia, eu, Sindiany Suelen Caduda dos Santos, solicito que a referida aluna desenvolva as atividades do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS E GESTORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, EM UM CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU,SE**”, para construção de conhecimento sobre Educação Sexual, nesse centro de excelência. A pesquisa da discente envolve aplicação de questionários semi-aberto com os/as professores/as e gestores/as da instituição, no intuito de investigar as concepções de Educação Sexual dos/as professores/as e gestores/as.

Informo que a aluna está sob a minha responsabilidade e que as coletas de dados não terão implicações negativas sobre a instituição e nem sobre o corpo de professores/as participantes da pesquisa.

Solicito, encarecidamente, que o termo de autorização da escola para aplicação da pesquisa, seja assinado e entregue à aluna para fins de validação dos dados coletados.

Informo que após a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna e devidas correções, será deixada uma cópia do arquivo com a direção do Colégio.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Sindiany S. C. dos Santos

*Prof<sup>a</sup> Dra. Sindiany Suelen Caduda dos Santos*  
*Professora do departamento de biologia da UFS*

Josiane dos Santos

*Josiane dos Santos*  
*Discente de graduação de Ciências Biológicas*

Daniel [Redacted]

*Diretor (a)*



## APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os/as gestores/as.

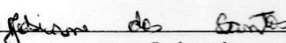
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

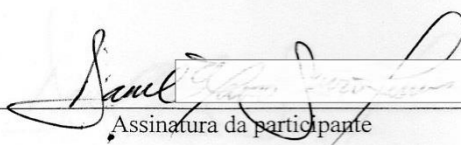
“Prezado(a) gestor(a), você está sendo convidado para participar da pesquisa **CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E GESTORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, EM UM CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU, SE**” a qual tem como objetivo investigar as concepções de Educação Sexual dos professores e gestores do Colégio

Você poderá contribuir para esta pesquisa ao responder a um questionário no qual suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados serão divulgados em salas de aulas, eventos e/ou revistas científicas. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento.

Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de ensino de Ciências. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o e-mail das pesquisadoras responsáveis, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

  
\_\_\_\_\_  
Josiane dos santos  
Graduanda em Ciências Biológicas  
e-mail: josyane17bio@gmail.com

☒ Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de acordo em participar do estudo proposto.  
São Cristóvão, 28 de AGOSTO de 2017.

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os/as professores/as.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

“Prezado(a) professor(a), você está sendo convidado para participar da pesquisa  
**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E GESTORES SOBRE**  
**EDUCAÇÃO SEXUAL, EM UM CENTRO DE EXCELENCIA DE ARACAJU,**  
**SE”** a qual tem como objetivo investigar as concepções de Educação Sexual  
dos professores e gestores do Colégio [Colégio Aracaju - Sergipe]

Você poderá contribuir para esta pesquisa ao responder a um questionário no qual suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial.

Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados serão divulgados em salas de aulas, eventos e/ou revistas científicas. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento.

Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de ensino de Ciências. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o e-mail das pesquisadoras responsáveis, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!



Josiane dos santos  
Graduanda em Ciências Biológicas  
e-mail: josyane17bio@gmail.com

☐ Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de acordo em participar do estudo proposto.

São Cristóvão, 12 de Setembro de 2017.

  
Assinatura da participante

APÊNDICE D Pré – Questionário utilizado para investigar as concepções dos/as gestores/as acerca da educação sexual, existência de práticas de educação sexual na escola e interdisciplinaridade da temática.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI  
PESQUISADORA: JOSIANE DOS SANTOS

*Prezado/a gestor/a, nesse questionário faço algumas perguntas objetivando conhecer seu perfil, suas concepções, a existência ou não de projetos na escola que tratem a respeito da educação sexual e por fim sua interdisciplinaridade. As respostas serão utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso* **CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS E GESTORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, NO CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU, SE**

*Desde já, agradeço sua compreensão e colaboração.*

Email\_\_\_\_\_ (para posteriormente lhe enviar a pesquisa se for do seu interesse).

1. Gênero: ( ) masculino ( ) feminino
2. Possui graduação? ( )sim ( ) não. Se sim, qual \_\_\_\_\_
3. Possui pós graduação ( ) sim ( ) não. se sim, qual? \_\_\_\_\_
4. Qual o seu cargo na escola? \_\_\_\_\_
5. É concursado/a? ( ) sim ( ) não

#### Questionário

- 1- Para você, o que é sexualidade?
- 2- Para você, o que é sexo?
- 3- Para você, o que é gênero? Exemplifique
- 4- Em sua opinião o que é educação sexual? Qual a sua importância?
- 5- Em sua formação profissional, em algum momento você foi orientado/a sobre como lidar com questões relativas à sexualidade e/ou gênero? ( ) Sim ( ) Não. Em caso afirmativo, como isto ocorreu?
- 6- Você já fez algum curso de capacitação que incluísse as questões de sexualidade e/ou gênero? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, especifique-o (s):

- 7- Você procura informações sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, onde?
- 8- Você já trabalhou ou trabalha com a temática educação sexual na escola? De que forma?
- 9- Existe algum trabalho de Educação Sexual sendo desenvolvido na escola? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei. Em caso afirmativo, qual a sua opinião a respeito?
- 10- Você acha que a educação sexual deveria ser trabalhada em alguma(s) disciplina(s) específica(s)? ( ) sim ( ) não. Se sim, qual(is) \_\_\_\_\_
- 11- Existe integração entre os/as professores/as para discussão da temática educação sexual de forma interdisciplinar? De que forma é realizado?
- 12- Existe alguma(s) dificuldade(s) encontrada(s) na escola para a realização de práticas de Educação Sexual? Se sim quais seriam essas dificuldades?
- 13- Você acha que deveria ser criada uma nova disciplina para abordar os conteúdos de educação sexual no currículo escolar. Por quê?
- 14- Com a sua formação atual, você se sente preparado para trabalhar a Educação sexual de forma interdisciplinar? Se a resposta for não, quais os problemas que você identifica?
- 15- Você estaria disposto/a a realizar um trabalho de Educação Sexual? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei. Por quê?
- 16- Que assuntos você considera importantes para serem abordados e como você faria a Educação Sexual em sua escola?
- 17- Quais das temáticas abaixo a escola trabalha em relação à educação sexual?
- ( ) Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs);
- ( ) Gravidez na adolescência;
- ( ) Reprodução e Métodos Anticoncepcionais;
- ( ) Diversidade sexual
- ( ) Sexualidade
- ( ) Outros \_\_\_\_\_
- 18- Em que eventos ocorrem às práticas de educação sexual no colégio? (Pode marcar mais de uma opção).
- ( ) Gincanas;

- ( ) Feira de ciências;
- ( ) No dia em que a secretaria de saúde vai a escola para abordar as DSTs;
- ( ) Dura o ano todo;
- ( ) Outras \_\_\_\_\_

APÊNDICE - E Pré - Questionário utilizado para investigar as concepções dos/as professores/as acerca da educação sexual, práticas de educação sexual e interdisciplinaridade da temática.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI  
PESQUISADORA: JOSIANE DOS SANTOS

Prezado/a professor/a, nesse questionário faço algumas perguntas objetivando conhecer seu perfil, suas concepções e práticas educativas a respeito da educação sexual e a existência ou não de projetos na escola que tratem a respeito da temática. As respostas serão utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso **CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS E GESTORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, NO CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU, SE**

*Desde já, agradeço sua compreensão e colaboração.*

E-mail: \_\_\_\_\_ (para posteriormente lhe enviar a pesquisa caso seja de seu interesse).

1. Gênero: ( ) masculino ( ) feminino
2. Possui graduação na matéria que leciona? ( ) sim ( ) não
3. Possui pós graduação ( ) não ( ) sim. Qual? \_\_\_\_\_
4. Qual disciplina leciona? \_\_\_\_\_
5. Tempo de magistério ( ) 1 a 5 anos ( ) 6 a 10 anos ( ) 11 a 15 ( ) 15 a 20 ( ) 21 ou mais anos: \_\_\_\_\_
6. É concursado/a? ( ) sim ( ) não
7. Que matéria(s) você leciona? Especifique-as

Questionário

1. Para você, o que é sexualidade?
2. Para você, o que é sexo?
3. Para você, o que é gênero? Exemplifique
4. Em sua opinião o que é educação sexual? Qual a sua importância?
5. Você já se deparou com situações de preconceito em sua prática profissional e/ou cotidiana? Em caso afirmativo, relate o que ocorreu.

6. Em sua formação profissional, em algum momento você foi orientado/a sobre como lidar com questões relativas à sexualidade e/ou gênero? ( ☐ ) Sim ( ☐ ) Não. Em caso afirmativo, como isto ocorreu?
7. Você já fez algum curso de capacitação que incluísse as questões de sexualidade e/ou gênero? ( ☐ ) Sim ( ☐ ) Não. Se sim, especifique-o (s):
8. Você procura informações sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual? ( ☐ ) Sim ( ☐ ) Não. Se sim, onde?
9. Você já trabalhou ou trabalha com a temática educação sexual em sua disciplina? De que forma?
10. Existe algum trabalho de Educação Sexual sendo desenvolvido na escola? ( ☐ ) Sim ( ☐ ) Não ( ☐ ) Não sei. Em caso afirmativo, qual a sua opinião a respeito?
11. Você acha que a educação sexual deveria ser trabalhada em alguma(s) disciplina(s) específica(s)? ( ☐ ) sim ( ☐ ) não. Se sim, qual(is) \_\_\_\_\_
12. Existe integração entre os/as professores/as para discussão da temática educação sexual de forma interdisciplinar? De que forma é realizado?
13. Existe alguma(s) dificuldade(s) encontrada(s) na escola para a realização de práticas de Educação Sexual? Se sim quais seriam essas dificuldades?
14. Você acha que deveria ser criada uma nova disciplina para abordar os conteúdos de educação sexual no currículo escolar. Por quê?
15. Com a sua formação atual, você se sente preparado para abordar a Educação sexual de forma interdisciplinar? Se a resposta for não, quais os problemas que você identifica?
16. Você estaria disposto/a a realizar um trabalho de Educação Sexual? ( ☐ ) Sim ( ☐ ) Não ( ☐ ) Não sei. Por quê?
17. Que assuntos você considera importantes para serem abordados e como você faria a Educação Sexual em sua escola?

APÊNDICE - F Questionário (pós-validação) utilizado para investigar as concepções dos/as professores/as acerca da educação sexual, a existência de práticas de educação sexual na escola e interdisciplinaridade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI  
PESQUISADORA: JOSIANE DOS SANTOS

Prezado/a professor/a, nesse questionário faço algumas perguntas objetivando conhecer seu perfil, suas concepções e práticas educativas a respeito da educação sexual e a existência ou não de projetos na escola que tratem a respeito da temática. As respostas serão utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso **“CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS E GESTORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, EM UM CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU, SE”**. Desde já, agradeço sua compreensão e colaboração.

E-mail: \_\_\_\_\_ (para posteriormente lhe enviar a pesquisa caso seja de seu interesse).

- 1- Orientação sexual: ( ) assexual ( ) homossexual ( ) heterossexual ( ) bissexual
- 2- Possui graduação na matéria que leciona? ( ) sim ( ) não
- 3- Possui pós graduação ( ) não ( ) sim. Qual? \_\_\_\_\_
- 4- Qual disciplina leciona? \_\_\_\_\_
- 5- Tempo de magistério ( ) 1 a 5 anos ( ) 6 a 10 anos ( ) 11 a 15 ( ) 15 a 20 ( ) 21 ou mais anos: \_\_\_\_\_
- 6- É concursado/a? ( ) sim ( ) não
- 7- Que matéria(s) você leciona? Especifique-as \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

- 1- Para você, o que é sexo?
- 2- Para você, o que é sexualidade?
- 3- Para você, o que é gênero? Exemplifique
- 4- Conceitue e exemplifique os termos abaixo, com base nos seus conhecimentos:
  - a) Diversidade sexual



- b) Heterossexual
- c) Homossexual
- d) Bissexual
- e) Travesti
- f) Transexual
- g) Lésbica
- h) Homofobia

- 5- Em sua opinião o que é educação sexual? Qual a sua importância?
- 6- Você já se deparou com situações de preconceito em sua prática profissional e/ou cotidiana? Em caso afirmativo, qual a atitude que você teve em relação ao ocorrido?
- 7- Em sua formação profissional, em algum momento você foi orientado/a sobre como lidar com questões relativas à sexualidade e/ou gênero? ( ) Sim ( ) Não. Em caso afirmativo, em que momentos isso ocorreu?
- 8- Você já fez algum curso de capacitação que incluísse as questões de sexualidade e/ou gênero? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, especifique-o (s):
- 9- Você procura informações sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, onde?
- 10- Você já trabalhou ou trabalha com a temática educação sexual em sua disciplina? De que forma?
- 11- Existe algum trabalho de Educação Sexual sendo desenvolvido na escola? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei. Em caso afirmativo, qual a sua opinião a respeito?
- 12- Você acha que a educação sexual deveria ser trabalhada em alguma(s) disciplina(s) específica(s)? ( ) sim ( ) não. Se sim, qual(is)
- 13- Existe integração entre os/as professores/as para discussão da temática educação sexual? De que forma é realizado?
- 14- Existe alguma(s) dificuldade(s) encontrada(s) na escola para a realização de práticas de Educação Sexual? Se sim quais seriam essas dificuldades?
- 15- Você acha que deveria ser criada uma nova disciplina para abordar os conteúdos de educação sexual. Por quê?
- 16- Com a sua formação atual, você se sente preparado para abordar a Educação sexual de forma interdisciplinar? Se a resposta for não, quais os problemas que você identifica?
- 17- Você estaria disposto/a a realizar um trabalho de Educação Sexual? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei. Por quê?

18- Que assuntos você considera importantes para serem abordados e como você faria a Educação Sexual em sua escola?

19- Você trabalha algumas das temáticas abaixo em sua disciplina?

- ( ) Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs); ( ) Identidade de gênero;
- ( ) Gravidez; ( ) Orientação sexual;
- ( ) Reprodução e Métodos Anticoncepcionais; ( ) Homofobia;
- ( ) Heteronormatividade ( ) Lesbofobia;
- ( ) Sexualidade ( ) Transfobia;
- ( ) Outros \_\_\_\_\_

20- Em que eventos ocorrem às práticas de educação sexual no colégio? (Pode marcar mais de uma opção).

- ( ) Gincanas;
- ( ) Feira de ciências;
- ( ) No dia em que a secretaria de saúde vai a escola para abordar as DSTs;
- ( ) Dura o ano todo;
- ( ) Na sala de aula;
- ( ) Outras \_\_\_\_\_

MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO

APÊNDICE G - Questionário (pós-validação) utilizado para investigar as concepções dos/as gestores/as acerca da educação sexual, a existência de práticas de educação sexual na escola e interdisciplinaridade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI  
PESQUISADORA: JOSIANE DOS SANTOS

Prezado/a gestor/a, nesse questionário faço algumas perguntas objetivando conhecer seu perfil, suas concepções, a existência ou não de projetos na escola que tratem a respeito da educação sexual e por fim sua interdisciplinaridade. As respostas serão utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso **“CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS E GESTORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, NO CENTRO DE EXCELÊNCIA DE ARACAJU, SE”**. Desde já, agradeço sua compreensão e colaboração.

Email \_\_\_\_\_ (para posteriormente lhe enviar a pesquisa se for do seu interesse).

1. Orientação sexual: ( ) assexual ( ) homossexual ( ) heterossexual ( ) bissexual
2. Possui graduação? ( ) sim ( ) não. Se sim, qual \_\_\_\_\_
3. Possui pós graduação ( ) sim ( ) não. Se sim, qual? \_\_\_\_\_
4. Qual o seu cargo na escola? \_\_\_\_\_
5. É concursado/a? ( ) sim ( ) não
6. Há quanto tempo está no seu cargo atual ( ) há alguns meses ( ) 1 a 5 anos ( ) 6 a 10 anos ( ) 11 a 15 ( ) 15 a 20 ( ) 21 ou mais anos: \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

- 1- Para você, o que é sexo?
- 2- Para você, o que é sexualidade?
- 3- Para você, o que é gênero? Exemplifique
- 4- Conceitue e exemplifique os termos abaixo, com base nos seus conhecimentos:
  - i) Diversidade sexual
  - j) Heterossexual

- k) Homossexual
- l) Bissexual
- m) Travesti
- n) Transexual
- o) Lésbica
- p) Homofobia

- 5- Em sua opinião o que é educação sexual? Qual a sua importância?
- 6- Você já se deparou com situações de preconceito em sua prática profissional e/ou cotidiana? Em caso afirmativo, qual a atitude que você teve em relação ao ocorrido?
- 7- Em sua formação profissional, em algum momento você foi orientado/a sobre como lidar com questões relativas à sexualidade e/ou gênero? ( ) Sim ( ) Não. Em caso afirmativo, em que momentos isso ocorreu?
- 8- Você já fez algum curso de capacitação que incluísse as questões de sexualidade e/ou gênero? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, especifique-o (s):
- 9- Você procura informações sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, onde?
- 10- Você já trabalhou ou trabalha com a temática educação sexual na escola? De que forma?
- 11- Existe algum trabalho de Educação Sexual sendo desenvolvido na escola? ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei. Em caso afirmativo, qual a sua opinião a respeito?
- 12- Você acha que a educação sexual deveria ser trabalhada em alguma(s) disciplina(s) específica(s)? ( ) sim ( ) não. Se sim, qual(is)
- 13- Existe integração entre os/as professores/as para discussão da temática educação sexual? De que forma é realizado?
- 14- Existe alguma(s) dificuldade(s) encontrada(s) na escola para a realização de práticas de Educação Sexual? Se sim quais seriam essas dificuldades?
- 15- Você acha que deveria ser criada uma nova disciplina para abordar os conteúdos de educação sexual no currículo escolar. Por quê?
- 16- Com a sua formação atual, você se sente preparado para trabalhar a Educação sexual de forma interdisciplinar na escola? Se a resposta for não, quais os problemas que você identifica?

17- Você estaria disposto/a a realizar um trabalho de Educação Sexual? ( ) Sim ( ) Não  
( ) Não sei. Por quê?

18- Que assuntos você considera importantes para serem abordados e como você faria a Educação Sexual em sua escola?

19- Você trabalha algumas das temáticas abaixo em sua disciplina?

( ) Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs); ( ) Identidade de gênero;

( ) Gravidez; ( ) Orientação sexual;

( ) Reprodução e Métodos Anticoncepcionais; ( ) Homofobia;

( ) Heteronormatividade ( ) Lesbofobia;

( ) Sexualidade ( ) Transfobia;

( ) Outros \_\_\_\_\_

20- Em que eventos ocorrem às práticas de educação sexual no colégio? (Pode marcar mais de uma opção).

( ) Gincanas;

( ) Feira de ciências;

( ) No dia em que a secretaria de saúde vai a escola para abordar as DSTs;

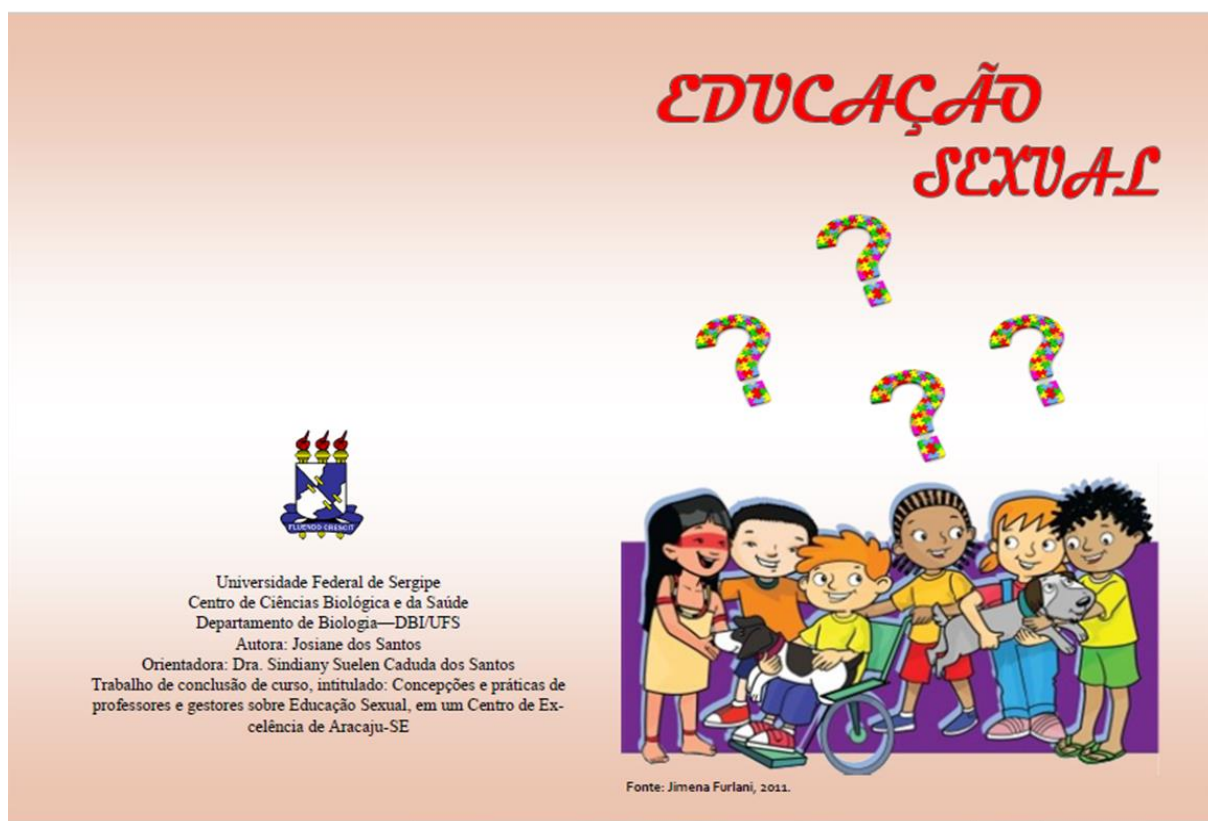
( ) Dura o ano todo;

( ) Na sala de aula;

( ) Outras \_\_\_\_\_

MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE - H Cartilha conceitual sobre Educação Sexual para os/as professores/as e gestores/as.



## Ao professor(a)...

Caro educador(a), essa cartilha é fruto da minha pesquisa de monografia intitulada "Concepções e práticas de professores e gestores sobre Educação Sexual, em um Centro de Excelência de Aracaju-SE".

## EDUCAÇÃO SEXUAL NA SALA DE AULA

Ela traz conceitos de termos utilizados em Educação Sexual e algumas sugestões de filmes e livros que você pode utilizar para aprofundar seus conhecimentos sobre a temática.

Espero ajudar em sua caminhada diária, que é ser educador(a).

Muito obrigada!

## Referências

- <sup>1</sup>CÉSAR, M. R. de A. Lugar de Sexo é na Escola? Sexo, Sexualidade e Educação sexual. In: *Sexualidade*; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 49 – 58.
- <sup>2</sup>LOURO, G. L. Pensar a sexualidade na contemporaneidade. In: *Sexualidade*; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 29 – 36.
- <sup>3</sup>WEREBE, M. J. G. *Sexualidade, Política, Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- <sup>4</sup>XAVIER, F. J.; LINHARES, M.L.S.B.; ALMEIDA, N. R. O. *Gênero e sexualidade: que concepções as juventudes tem construído em suas trajetórias juvenis?*. In: V Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira: Territórios Interculturais de Juventude. Recife, 2012.
- <sup>5</sup>FURLANI, J. Encarar o desafio da educação sexual na escola. In: *Sexualidade*; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 37 – 48.
- <sup>6</sup>SILVA, A. F.; GUILHON FILHO, B. S.; TRABULSI, M. T. N. *Unidos pela liberdade separados pelo preconceito*. Maranhão, 2009.
- <sup>7</sup>LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.
- <sup>8</sup>FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. - Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.
- <sup>9</sup>SOUZA, E. J. *Diversidade sexual e homofobia na escola : as representações sociais de educadores/as da educação básica*. São Cristóvão, 2015.
- <sup>10</sup>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Mulheres lésbicas e bissexuais: direitos, saúde e participação social* / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília, 2013.
- <sup>11</sup>CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília : Ministério da Saúde, 2004.
- <sup>12</sup>MEYER, D. E. *TEORIAS E POLÍTICAS DE GÊNERO: fragmentos históricos e desafios atuais*. Brasília, 2004.



## Sugestões

### FILMES:

- Tomboy - (Direção: Celine Sciamma);
- Orações para Bobby - (Direção: Russel Mulcahy);
- O segredo de Vera Drake - (Direção: Mike Leigh);
- Billy Elliot - (Direção: Stephen Daldry);
- A cura - (Direção: Peter Horton);
- Jeffrey - De caso com a vida (Direção: Christopher Ashley);
- Garota, interrompida (Direção: James Mangold);
- O padre (Direção: Antonia Bird).

### LIVROS:

- Corpo, Gênero e Sexualidade - Um debate contemporâneo na educação. Autor(as): Guacira Lopes Louro, Jane Felipe Neckel e Silvana Vilodre Goellner, 2003;
- Identidade homossexual e normas sociais (história de vida). Autora: Teresa Adada SEIL, 1980.
- O corpo educado - Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autora: Guacira Lopes Louro, 1999.
- Um copo estranho. Autora: Guacira Lopes Louro, 2004;
- Corpo, gênero e sexualidade. Organizadoras: Dagmar E. Meyer, Rosângela Soares, 2004;
- Mitos e Tabus da sexualidade humana. Autora: Jimena Furlani, 2003.

Para maiores informações consultar sobre o conteúdo da cartilha, consulte o TCC que será depositado na biblioteca central da ufs e na sala do diretor Daniel.

## Importância

### É IMPORTANTE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA PARA:

- ⇒ Esclarecer dúvidas e buscar problematizar e desconstruir preconceitos a respeito de sexo, sexualidade, gênero, relacionamentos, dentre outros temas<sup>1,2</sup>;
- ⇒ Discutir a temática em sala de aula, visto que muitas vezes não é abordada em casa; devido à vergonha, receio, ou até mesmo, falta de conhecimento dos pais e mães para tratarem do assunto<sup>3</sup>.



### VALE RESSALTAR!

É necessário que a escola, os pais, mães e os professores(as) andem juntos na construção de conhecimento sobre Educação Sexual com jovens e adolescentes<sup>4</sup>.

Assim, é possível desmistificar tabus e preconceitos e contribuir para a formação dos sujeitos para além do conhecimento prévio<sup>4</sup>.



02

## O que significa?



### EDUCAÇÃO SEXUAL

Trata não apenas dos fenômenos biológicos do corpo e sua reprodução, como também o ser humano em sua total globalidade.

### SEXUALIDADE

Não existe um conceito pronto e acabado do que seja sexualidade. Esse termo remete a um universo pessoal de cada sujeito em que tudo é relativo e se manifesta de forma diferente em cada um deles, de acordo com sua realidade e experiência vividas<sup>5</sup>. No campo da sexualidade não existe nada "natural", os processos culturais é que vão nos ajudar a definir o que é, ou não, natural. Criamos e modificamos a natureza e a biologia e as tornamos histórica<sup>6</sup>.

### IDENTIDADE DE GÊNERO

Maneira como o sujeito se enxerga, social e historicamente, identificando-se como feminino ou masculino<sup>7</sup>.

03

## O que significa?



### GÊNERO

Refere-se a "todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade"<sup>13</sup>.

### IDENTIDADE DE GÊNERO

É a maneira com você se enxerga: o gênero que se identifica como fazendo parte.

← PESSOAS QUE SE IDENTIFICAM COM MAIS DE UM DOS GÊNEROS, COMO TRANSGÊNEROS, OU COM NENHUM GÊNERO. →

HOMEM ( ) MULHER

### ORIENTAÇÃO SEXUAL

Indica pelo que você sente atração. Mostra pra que lado sua sexualidade está orientada.

← HOMO BI HETERO →

### SEXO BIOLÓGICO

É sua genética e cromossomos quando você veio ao mundo.

← MACHO INTERSEXUAL FÊMEA →



08

## O que significa?



### TRANSEXUAL

Segundo o programa Brasil sem homofobia, transexuais "são pessoas que não aceitam o sexo que ostentam anatomicamente. Sendo o fator psicológico predominante na transexualidade, o indivíduo identifica-se com o sexo oposto, embora dotado de genitália externa e interna de um único sexo".



### HOMOFOBIA

Não compreende apenas o indivíduo e sua resistência contra homossexuais, incorpora também os preconceitos contra gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, dentre outras formas de diversidades sexuais, devido a seu estilo de vida e aparências distintas dos heterossexuais. Ou seja, envolve também aspectos jurídicos, sociais, educacionais, políticos etc.

07

## O que significa?



### IDENTIDADE DE SEXUAL

Formas como os sujeitos vivenciam a sua sexualidade, seja com parceiros(as) do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou até mesmo sem parceiros.



### SEXO

Termo utilizado para nomear as características genéticas, anatômicas e fisiológicas que distingue o macho da fêmea.



### DIVERSIDADE SEXUAL

Termo utilizado para definir as diferentes formas da sexualidade humana incluindo as identidades sexuais (homo, hetero e bissexuais) e as identidades de gênero (transexuais, travestis...).

04

## O que significa?



### HETEROSSEXUAL

Atração afetiva e sexual por outras pessoas do sexo oposto.

### HOMOSSEXUAL

Possíveis formas de orientação sexual. Neste caso, diz respeito à atração sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo.

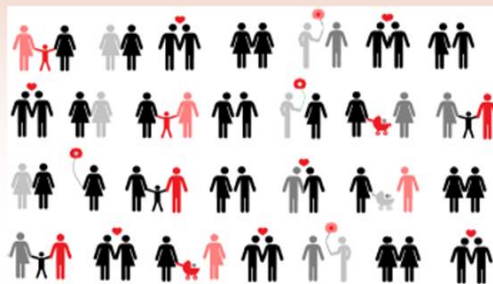
### BISSEXUAL

Atração afetiva e sexual por pessoas de ambos os sexos.



05

## O que significa?



### LÉSBICA

Termo utilizado para nomear as mulheres que se identificam como mulheres e têm relação afetiva e sexual com outras mulheres.

### TRAVESTI

Pessoa se veste e se comporta como sendo do sexo oposto, faz cirurgias para colocar silicone, obter formas arredondadas, além de utilizar hormônios.

06



## APÊNDICE I- Termo de avaliação da cartilha conceitual sobre Educação Sexual.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI-UFS

## DECLARAÇÃO

**Assunto: Avaliação da cartilha conceitual sobre Educação Sexual por especialista do tema.**

Eu Elaine de Jesus Souza,  
licenciada em biologia, especialista em Educação Sexual e temáticas relacionadas,  
declaro para fins de avaliação do recurso didático **Cartilha conceitual sobre Educação Sexual**, que a ferramenta didática apresentada pela discente da disciplina de Prática de Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia II da UFS, JOSIANE DOS SANTOS, sob número de matrícula 201210016039, apresenta clareza em sua estruturação, bem como linguagem e terminologias adequadas quanto ao tema Educação Sexual. Declaro ainda que essa cartilha, construída especialmente para professores, professoras e gestores e gestoras do Colégio Luiz Antônio de Albuquerque área de pesquisa do trabalho de conclusão de curso da referida discente, configura-se como um instrumento voltado para o esclarecimento e reflexão de conceitos no âmbito da temática, a ser trabalhada na escola pelos educadores e educadoras.

Sem mais para o momento,

Elaine de Jesus Souza

(Assinatura do professor/a que irá validar o recurso)

São Cristóvão, 03 de Outubro de 2017

APÊNDICE J- Distribuição da Cartilha Conceitual sobre Educação Sexual para os/as professores/as e gestores/as.



# APÊNDICE K – Termo de autorização de uso de imagem.



Universidade Federal de Sergipe  
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Departamento de Biologia

## **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

- O(A) AUTORIZANTE autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e de todos os elementos que a compõem para serem inseridos no projeto de pesquisa intitulado “Concepções de professores e gestores sobre educação sexual, em um centro de excelência de Aracaju, Se”, realizado pelas pesquisadoras Josiane dos Santos e Sindiany Suelen Caduda dos Santos. Ao mesmo tempo, libera a utilização destas fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor das pesquisadoras da pesquisa, acima especificados.
- Tal pesquisa tem por objetivo investigar as concepções de Educação Sexual dos(as) professores(as) e gestores(as) e a necessidade de produção de uma cartilha conceitual sobre a temática para socialização.

E por estar cientes e de acordo com os riscos e benefícios da pesquisa, o(a) AUTORIZANTE, assina esse TERMO DE AUTORIZAÇÃO.

Aracaju, 12 de OUTUBRO de 2017.

Josiane dos Santos  
Josiane dos Santos

Professores (as):

1. Amelia
2. Julia
3. Andre
4. Alessandra
5. Horizon
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.

## APÊNDICE L – Declaração de recebimento da cartilha.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – DBI-UFS

## DECLARAÇÃO

Assunto: Declaração de recebimento do recurso didático “*Cartilha conceitual sobre Educação Sexual*”.

Eu Rita de Cássia,  
professor(a), do Colégio Madre Alineu pereira recebi a cartilha conceitual  
produzida pelas pesquisadoras JOSIANE DOS SANTOS e SINDIANY SUELEN  
CADUDA DOS SANTOS, como fonte do trabalho de conclusão de curso intitulado  
“Concepções de professores(as) e gestores(as) sobre educação sexual, em um  
centro de excelência de Aracaju, SE”

Rita de Cássia  
(Assinatura do professor/a)

São Cristóvão, 02 de outubro de 2017